

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**  
**ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO**

**O impacto social da construção do estádio do Corinthians no processo de  
desenvolvimento local do bairro de Itaquera**

**Programa Institucional de Bolsas de Iniciação  
Científica (PIBIC)**

**Relatório Final**

**Orientando: Arthur Losasso Goerck**

**Orientador: Fernando Burgos**

**São Paulo – SP**

**2014**

## **Agradecimentos**

Fazer um PIBIC não é tarefa fácil. A realização deste PIBIC só foi possível por conta do envolvimento de uma série de pessoas e instituições que acreditaram que as análises aqui produzidas seriam relevantes de alguma forma para um maior entendimento da realidade.

Gostaria de agradecer primeiramente ao CNPq, que acreditou no projeto e me fez entender que existe no Brasil um órgão público realmente empenhado na produção de conhecimento e de informação. Meus agradecimentos também a todos que trabalham no GV Pesquisa, em especial à Isolete Rogeski, corintiana roxa, que me ajudou muito durante a realização da pesquisa, sempre dando suporte para o que eu precisasse.

Todos os entrevistados que participaram desta pesquisa merecem a minha eterna gratidão. Suraia, Lenira, Mara, Gislaine, Maria Eliane, Élide, Marly Mafalda, Maria Edvania, Débora, Elaine, Jessyka, Regiane, Nilson, Conceição, Celita, Bernadete, Henrique, Luzinete, Diana, José Luis, Wedson, Lúcia, Dona Alaíde, esse trabalho é sobre vocês e sem vocês ele não seria possível! Muito obrigado por terem aberto suas casas para mim, sempre com um sorriso no rosto e uma gentileza que dificilmente se vê nos dias de hoje. Vocês me mostraram que Itaquera é uma das melhores regiões da cidade, não só por conta dos serviços que a região oferece, mas principalmente pelas pessoas que vivem aí. Ter tido a oportunidade de conviver com vocês, conhecer a realidade em que vivem foi uma experiência que me fez crescer muito como pessoa e que certamente vou levar isso comigo para o resto da vida. Em muitos momentos, não me via mais entrevistando um morador do bairro, mas sim conversando com amigos, que pretendo manter mesmo com o final desta pesquisa. Espero que este trabalho seja uma forma de devolver de alguma coisa à vocês, que tanto me deram ao longo desse último ano todo. Gostaria de fazer um agradecimento especial à Dona Alaíde e Diana, mulheres inspiradoras, que possuem uma energia única e que me guiaram pelos caminhos de Itaquera para que fosse possível encontrar as 20 famílias dispostas a conversar.

Este PIBIC possui um PIBIC irmão, feito justamente por um cara que se tornou meu irmão, que dividiu comigo todos os sentimentos de se fazer um trabalho tão complicado como este. Muito obrigado Vitor por todas as conversas, discussões e idas à campo juntos. Posso dizer que durante este ano que trabalhamos juntos, o seu

crescimento como pessoa e como pesquisador é notável e me serve de fonte de inspiração.

Se existem dois PIBICs irmãos, é importante falar então de quem considero nosso pai durante a realização desta pesquisa. Fernando, não tenho dúvidas que tive o melhor orientador que poderia ter tido. A oportunidade de ter sido seu orientando foi a experiência mais enriquecedora que já tive dentro da faculdade, me permitiu conhecer espaços de atuação possíveis no futuro, me fez mergulhar em um tema que acredito e que tenho verdadeira vontade de me aprofundar ainda mais. O seu conhecimento sobre desenvolvimento e humildade em dividi-lo conosco, as discussões e reflexões instigadas por você, tudo isso reaflorou em mim os motivos de eu estar fazendo uma faculdade de Administração Pública. Estou aqui hoje para no futuro tentar ajudar a melhorar a condição de vida da população mais pobre do Brasil, e certamente você é uma das maiores inspirações que tenho sobre como pensar em fazer isso.

Muito obrigado também por ter depositado tanta confiança em mim e por não ter me deixado desanimar nos momentos difíceis. Quando fui roubado e perdi grande parte da minha pesquisa, suas palavras foram fundamentais para que eu recuperasse o ânimo e conseguisse terminar este trabalho. Você se mostrou mais que professor e mais que orientador, se mostrou ser um grande amigo e uma pessoa que quero próxima na vida. Quem sabe orientando outras pesquisas no futuro... TCC...

Gostaria de agradecer também a todos os amigos e familiares que me ajudaram nesta pesquisa, não só ouvindo eu reclamar, mas também ajudando a concretizá-lo. Luiz, Caio e Lund, minha gratidão por vocês é enorme, vocês realmente foram a mais. Mãe, pai, Dani, vocês também ouviram muito sobre esta pesquisa, se interessaram e me ajudaram a pensar por outros ângulos, muito obrigado mesmo por toda a ajuda.

Meu agradecimento final vai para a pessoa que foi minha base e meu refúgio durante todo o ano que se passou. Leticia, você foi minha companheira em todos os momentos desta pesquisa e por isso sou eternamente grato. Você me ajudou a mergulhar no trabalho, transcrevendo entrevistas, indo até Itaquera comigo, mas me ajudou principalmente a mergulhar na vida, a ser intenso em tudo que a gente faz. Minha nega, muito obrigado pelas conversas, discussões, reflexões, viagens e risadas que tivemos neste último ano. A construção deste PIBIC só foi possível porque você tava lá do meu lado, sempre. Muito obrigado por todo esse amor que você trouxe pra minha vida, você só me faz crescer.

Dedico à todos vocês todos este trabalho!

## Contenido

|  |    |
|--|----|
| <b>1. Introdução</b> .....                                       | 6  |
| <b>1.1 Corinthians e Itaquera</b> .....                          | 6  |
| <b>1.2 Debates sobre o estádio</b> .....                         | 7  |
| <b>2. Metodologia</b> .....                                      | 10 |
| <b>2.1 Projeto PIBIC - Momentos</b> .....                        | 10 |
| <b>2.2 Documentos</b> .....                                      | 11 |
| <b>2.3 Formulação da Pesquisa de Campo</b> .....                 | 12 |
| <b>2.4 Questionário</b> .....                                    | 13 |
| <b>3. Revisão Teórica</b> .....                                  | 15 |
| <b>3.1. Desenvolvimento Local</b> .....                          | 15 |
| <b>3.2 Gentrificação</b> .....                                   | 17 |
| <b>3.3 Exclusão Social</b> .....                                 | 19 |
| <b>4. A pesquisa de campo com os moradores</b> .....             | 22 |
| <b>4.1 Seleção Famílias</b> .....                                | 22 |
| <b>4.2 Realidades locais</b> .....                               | 25 |
| <b>4.2.1 Comunidade da Paz</b> .....                             | 26 |
| <b>4.2.2 COHAB 1</b> .....                                       | 28 |
| <b>5. Visão dos atores externos</b> .....                        | 31 |
| <b>6. Os “impactos” na fala dos moradores</b> .....              | 35 |
| <b>6. 1 Decisão de Morar</b> .....                               | 35 |
| <b>6.2 Impressões sobre a chegada da Arena Corinthians</b> ..... | 38 |
| <b>6.3. Impactos</b> .....                                       | 41 |
| <b>6.3.1 Vida</b> .....  | 41 |
| <b>6.3.2 Serviços Públicos:</b> .....                            | 54 |
| <b>6. 3.3 Imagem do bairro</b> .....                             | 56 |
| <b>7. Expectativas Futuras</b> .....                             | 58 |
| <b>8. Análise: Desenvolvimento Local Para Quem?</b> .....        | 60 |
| <b>9. Conclusão</b> .....  | 68 |
| <b>10.. Anexos</b> .....   | 70 |
| <b>11. Referências Bibliográficas</b> .....                      | 71 |

## **1. Introdução**

No dia 30 de outubro de 2007, na sede da FIFA em Zurique (Suíça), foi anunciado que o Brasil seria a nação que sediaria da Copa do Mundo de 2014. A euforia geral então apresentada por grande parte da população brasileira e também pelas autoridades do país neste momento teve seus motivos.

O nação com a seleção mais vitoriosa do futebol, com sua cultura fortemente ligada ao esporte, teria de organizar o campeonato que ganhou 5 vezes na história. A participação brasileira na Copa, portanto, desta vez não seria analisada apenas dentro dos estádios, com a atuação dos jogadores da Seleção Brasileira. Agora também importaria se o país se sairia bem na organização dos processos relacionados ao evento.

A Copa é, indiscutivelmente, um elemento que altera o cotidiano das cidades do país que a sedia. O mega evento tem a capacidade de movimentar e alterar as lógicas de todas as esferas da sociedade – econômicas, políticas, sociais e simbólicas, principalmente - não só durante sua realização, mas também nos momentos que a precedem e sucedem.

Desta vez, tais alterações ocorreriam no Brasil, mais especificamente nas 12 cidades escolhidas para sediar e a compartilhar a organização do evento. São nestas cidades-sede que os impactos trazidos pela Copa do Mundo podem ser melhor observados, e é neste sentido que a Arena Corinthians<sup>1</sup>, localizada em Itaquera, na Zona Leste de São Paulo, aparece como objeto a ser estudado e analisado por este projeto de PIBIC.

### **1.1 Corinthians e Itaquera**

O anúncio da realização da Copa do Mundo no Brasil trouxe rapidamente à tona o debate sobre quais seriam os estádios utilizados e quais seriam as cidades escolhidas para sediar o evento. O município de São Paulo foi prontamente colocado entre as cidades que teriam participação certa no evento, mas a verdadeira polêmica ficou à cargo de qual seria estádio da cidade em que os jogos aconteceriam e conseqüentemente, qual a região que sofreria de maneira mais intensa os impactos provenientes da Copa.

---

<sup>1</sup> Optou-se por utilizar o nome Arena Corinthians para referir-se ao estádio, já que até o presente momento os naming rights

Após diversas especulações, que até chegaram a causar um mal-estar entre dirigentes do futebol paulista<sup>2</sup>, a decisão tomada foi a de que a região de Itaquera, localizada na Zona Leste de São Paulo, seria o local escolhido para a construção do estádio que iria receber jogos da Copa do Mundo e mais tarde do Sport Clube Corinthians Paulista, uma vez que o clube paulista seria o proprietário final do empreendimento.

A escolha deste local foi justificada de diversas maneiras. A primeira delas deve-se ao fato da região Leste, mais especificamente o bairro de Itaquera, ser um espaço culturalmente e tradicionalmente ligado ao Corinthians, fato que é facilmente percebido com uma visita à localidade. A segunda justificativa seria a de que a construção do estádio seria uma oportunidade de desenvolvimento para Itaquera, que é vista pelo senso comum como uma área de periferia, excluída da cidade. O fato da região carregar este estigma perante grupos específicos da sociedade - normalmente as elites - pode começar a ser entendido pela noção de que os grandes veículos midiáticos paulistas historicamente deram pouca atenção à esta região e suas dinâmicas.

No entanto, deve-se adiantar o fato de que as pesquisas de campo, a vivência no local e o conhecimento sobre a história da região em que o estádio está inserido apresentaram atualmente ao pesquisador uma realidade diferente desta. O processo histórico da região será explicado mais a frente, assim como as dinâmicas do cotidiano do bairro, entretanto, aqui chama-se a atenção para o fato da região ser reconhecida por seus moradores como um lugar que tem o sossego como principal característica, negando inclusive a idéia de ser um espaço violento. Ademais, é necessário compreender a idéia de que a região já passava por um processo de desenvolvimento anterior à construção do estádio, com um notável avanço ao longo das últimas décadas, idéia que é muito diferente do que se ouviu e que foi dito por diversos veículos midiáticos sobre região na época da Copa.

## **1.2 Debates sobre o estádio**

A Arena Corinthians, como já dito, foi alvo de uma série de debates e polêmicas durante todo o processo de sua construção. Inicialmente, este debate esteve

---

<sup>2</sup> Como pode ser visto nestes links: [http://espn.uol.com.br/noticia/398957\\_candidato-de-juvenal-alfineta-rival-o-corinthians-nao-e-dono-do-estadio-nunca-vai-pagar](http://espn.uol.com.br/noticia/398957_candidato-de-juvenal-alfineta-rival-o-corinthians-nao-e-dono-do-estadio-nunca-vai-pagar);  
<https://www.youtube.com/watch?v=o0XxSyN7OYo>

restrito à utilização ou não de recursos públicos na obra, cujo custo inicial estava estimado em 820 milhões de reais. Esta questão foi resolvida com a promessa de recursos do governo federal, via financiamento do BNDES (R\$ 400 milhões) e créditos tributários da prefeitura (R\$ 420 milhões), por meio dos Certificados de Incentivo ao Desenvolvimento CIDs. Em julho de 2011, a utilização de recursos financeiros públicos numa obra privada foi assim justificada pelo então prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab: “Independente da Copa do Mundo, a construção do estádio do Corinthians nessa região trará desenvolvimento, trará recursos para São Paulo, trará receita, perfeitamente, portanto, justificável esse incentivo”<sup>3</sup>.

A frase aponta claramente uma expectativa da gestão pública municipal de que o estádio geraria desenvolvimento na região. No entanto, em termos de pesquisa, é relevante perguntar: o que está sendo chamado de “desenvolvimento” neste caso? Este “desenvolvimento” é para quem? Quais os efeitos que os comerciantes e moradores da região estão tendo nesse processo de “desenvolvimento”? Apontar caminhos para responder à estas perguntas foi o objetivo principal deste projeto de PIBIC, analisando como a construção da Arena Corinthians gerou mudanças nas dinâmicas socioeconômicas para moradores do entorno do estádio.

A importância deste tema atual sobre a instalação de grandes empreendimentos em diversos locais do território nacional é um assunto que vem sendo amplamente discutido pela sociedade devido à escolha do Brasil para sediar os próximos grandes eventos esportivos mundiais. Normalmente esta discussão traz consigo noções de desenvolvimento e de crescimento, o que faz com que na grande maioria dos casos, estas grandes obras sejam festejadas pela mídia e pelos governantes locais, pois geram aumento no número de postos de trabalho, na renda circulante nas localidades e, em algum momento futuro, aumento de arrecadação no município.

No entanto, nem sempre impactos produzidos pelos grande empreendimentos não são apenas positivos. Nos casos da construção de uma unidade produtiva da Alcoa em Juruti (PA), da Usina Hidrelétrica de Jirau em Porto Velho (RO) e da implementação de uma fábrica da Suzano Papel e Celulose em Imperatriz (MA), além da degradação ambiental, muitas violações de direitos humanos foram observadas,

---

<sup>3</sup> Essa frase foi amplamente noticiada pela mídia à época. Por exemplo em: <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,kassab-defende-isencao-fiscal-para-o-itaquero,742362,0.htm> (acesso em 20 de abril de 2013)



incluindo grande aumento nos indicadores de exploração sexual infantil, gravidez na adolescência, violência contra a mulher, acidentes de trânsito e outros<sup>4</sup>. Além disso, o poder público municipal destas localidades tem enfrentado muitas dificuldades para lidar com questões sociais complexas oriundas da chegada de milhares de trabalhadores temporários.

Voltando à questão da construção dos empreendimentos necessários à Copa do Mundo, e principalmente a pouca transparência nos processos políticos que envolviam o evento, observou-se uma grande articulação de movimentos sociais críticos à realização do mega evento no Brasil. Grupos como o Comitê Popular da Copa, que nos aproximamos no início da pesquisa, é um exemplo desta articulação da sociedade civil para fiscalizar e cobrar transparência nas obras e processos relacionados à Copa realizados pelo poder público em parceria com outras entidades. Tanto é que manifestações e protestos de grupos contrários à Copa puderam ser observados no Brasil antes, durante e depois da realização do evento, tendo o “Não Vai Ter Copa” como o mais emblemático deles.

Desta forma, pode-se dizer que muita atenção foi dada - não só pela sociedade civil organizada, mas também por veículos midiáticos e pelo próprio setor público - às regiões que receberam os estádios e as obras de infra-estrutura relacionada à Copa, o que gerou um elevado índice de discussão pública sobre o tema. A própria realização deste projeto de PIBIC evidencia isso, mas com uma diferença: o acompanhamento durante um ano inteiro das famílias moradoras do entorno, monitorando suas impressões e opiniões ao longo de diversas etapas da construção e inauguração do estádio.

---

<sup>4</sup> Estes impactos negativos foram constatados em várias pesquisas realizadas pelo Centro de Estudos em Administração Pública (CEAPG) da FGV-EAESP, que tiveram a participação do professor orientador.

## **2. Metodologia**

### **2.1 Projeto PIBIC - Momentos**

Esta pesquisa está inserida num projeto mais amplo do professor orientador, cujo objetivo é analisar as principais alterações nas dinâmicas socioeconômicas no bairro de Itaquera (São Paulo), a partir da construção do estádio do Sport Club Corinthians Paulista. Outro projeto de PIBIC analisou os aspectos econômicos afetados pela construção do estádio, com olhar mais específico para os comerciantes do entorno do estádio<sup>5</sup>. Mais especificamente, esta pesquisa analisou os aspectos sociais afetados pela instalação desse grande equipamento esportivo, com foco principalmente nos moradores da região.

Para entender como a dinâmica da população e da região se alteraram após o início da construção do estádio, este PIBIC contou com 3 momentos principais de visita à campo:

- Momento 1: Realizado no mês de dezembro/2013. Neste momento foi realizada a primeira rodada de entrevistas/conversas com os moradores e comerciantes da região, buscando uma aproximação com os atores locais, para desta forma, iniciar o entendimento sobre as expectativas em relação à construção do estádio e também sobre os impactos que já podiam sentir;

- Momento 2: Realizado entre mes de abril/2014 à maio/2014. Neste momento, realizado poucos meses antes do início da Copa, buscou-se entender a evolução dos impactos e expectativas dos moradores no que se refere à Arena Corinthians e a chegada da Copa do Mundo.

- Momento 3: Realizado em junho/2014. A terceira rodada de entrevistas se deu durante o mês em que a Copa do Mundo estava acontecendo e buscou entender como as alterações na região foram percebidas pelos moradores ao final do processo de realização do estádio e do mega-evento.

Sendo assim, pode-se dizer que as diversas visitas à campo são parte fundamental deste PIBIC, uma vez que possibilitam um estreitamento de relações entre o pesquisador e os entrevistados, permitindo uma inserção nas dinâmicas locais e no cotidiano da região, além de auxiliar para que o conhecimento da realidade local fosse o mais completo possível.

---

<sup>5</sup> O projeto foi realizado por Vitor Knöbl Moneo Chaves

## 2.2 Documentos

Para realizar este PIBIC, primeiramente fomos expostos aos textos dos autores Tim May, Howard Becker e Peter Spink para que pudéssemos compreender como iniciar a preparação deste trabalho. A partir destas referências, buscamos realizar uma breve Análise Documental das leis e das diretrizes que institucionalizaram o projeto. Esses documentos são essenciais porque estão inseridos em contextos históricos, políticos e sociais, e conforme lembra May (2004), *“os documentos podem ser interessantes pelo que deixam de fora, assim como pelo que contêm. Eles não refletem simplesmente, mas também constroem a realidade social e as versões dos eventos”* (May, 2004, p. 213).

Primeiramente, deve-se dizer que o acesso à qualquer documento, estudo ou informação referente ao estádio do Corinthians não era tarefa simples durante os meses iniciais deste PIBIC. A aproximação com o Comitê Popular da Copa, tornou possível a aproximação com Paulo Romeiro, pesquisador do Instituto Pólis e ligado ao Comitê, que também confirmou a dificuldade de obter documentos legais ao utilizar-se da Lei de Acesso à Informação para obter informações que justificassem as ações do poder público no processo de construção do estádio do Corinthians. Ele afirmava que não existia nenhum documento oficial, como um Estudo de Impacto Ambiental e um Estudo de Impacto de Vizinhança disponibilizado pelo poder público para consulta que diga respeito ao que aconteceria na região com a chegada das obras da Arena Corinthians. A única informação que se possuía sobre estas questões era proveniente de uma apresentação de slides de 2011 encontrada na internet, que buscava detalhar os impactos das obras na região, mas que não conseguia atingir este objetivo, uma vez que citava, por exemplo, as comunidades que seriam desapropriadas, mas não continha informação alguma sobre o futuro dos moradores destas comunidades. Sendo assim, neste momento prévio à Copa, não se via o exercício da transparência das ações do poder público, que não apresentava justificativas técnicas que comprovassem os por quês de determinadas ações, fato que dava força ao argumento de que os traçados das obras foram baseados, na realidade, em interesses políticos e econômicos específicos e não em justificativas técnicas neutras.

Neste sentido, pode-se dizer que a inicial ausência de documentos e dados não só refletia, mas também ajudava a construir a realidade social ao redor do estádio, em

que ninguém sabia quais eram os próximos passos que seriam dados por nenhum dos atores responsáveis pela realização e organização do mega-evento.

### 2.3 Formulação da Pesquisa de Campo

As pesquisas de campo foram realizadas levando em consideração a idéia de conversas – termo adotado por Spink (2008) e frequentemente utilizado nas pesquisas do CEAPG – uma vez que descreve a importância da postura do pesquisador no cotidiano, inserido como parte do processo. Nessa abordagem, é grande a importância dos micro-lugares que compõem o cotidiano dos moradores.

A opção realizada foi por utilizar, em todas as conversas, a pergunta “como” ao invés de “por que”, conforme Becker (1998). Segundo o autor, a pergunta “por que” tem um caráter mais agressivo, levando o entrevistado a dar uma resposta defensiva, como se precisasse justificar a resposta que deu com um bom argumento. Já a pergunta “como” normalmente é mais bem aceita pelos entrevistados, que tendem a dar respostas mais detalhadas, não incluindo apenas as razões, mas também revelando os processos e as ações dos outros.

A estrutura da pesquisa foi idealizada primeiramente levando em consideração os textos e idéias de May (2004) em seu trabalho “Entrevistas”. A opção tomada foi pelo modelo de pesquisa semi-estruturada, uma vez que acreditamos que suas características eram as que melhor se encaixavam com o tipo de pesquisa que realizamos e também seria o modelo que possibilitaria maiores chances de obtenção das respostas que buscávamos. Isto porque a entrevista semi estruturada possui como característica principal a inclusão de um elemento qualitativo à pesquisa previamente pensada (estruturada). Desta forma, a pesquisa semi-estruturada seria um formato de pesquisa híbrido, que mescla elementos do modelo estruturados e do focalizado, dando uma liberdade maior ao pesquisador de aprofundar a conversa no momento e no tema que achar necessário. Em outras palavras, pode-se dizer que a pesquisa semi-estruturada possui um olhar entre o quantitativo e o qualitativo, pendendo para qual lado for o mais interessante no determinado momento da pesquisa. *“O entrevistador, que pode buscar tanto o esclarecimento quanto a elaboração das respostas dadas, pode registrar informação qualitativa sobre o tópico em questão. Isso permite que ele tenha mais espaço para sondar além das respostas e, assim, estabelecer um diálogo com o entrevistado”.* (May, 2004, pg. 148 )

Chama-se atenção aqui para o fato de que com o estreitamento das relações com os entrevistados a idéia de conversa tornou-se ainda mais presente e o questionário passou a servir como um norteador apenas, deixando o pesquisador e o entrevistado livres para aprofundar as conversas para onde fizesse mais sentido no momento.

## 2.4 Questionário

A pesquisa semi-estruturada é adequada à este trabalho de PIBIC por possuir o elemento qualitativo, mas também por não se resumir exclusivamente a ele, tal como a pesquisa focalizada faz. O elemento estruturado também encontra-se presente neste modelo de pesquisa, sendo necessário a confecção de um questionário norteador da conversa, criando assim a possibilidade de encontrar padrões de respostas e comparar as conversas. *“Considera-se que esses tipos de entrevistas permitem que as pessoas respondam mais nos seus próprios termos do que as entrevistas padronizadas, mas ainda forneçam uma estrutura maior de comparabilidade e padronização”*(May, 2004, pg 148 ).

Sendo assim, foi elaborado um questionário para guiar os pesquisadores nas conversas, sempre ressaltando a possibilidade de alteração da maneira de formular as perguntas e também da troca da ordem perguntada, de forma a aproximar-se ao máximo da idéia de conversa. Em nossas conversas, portanto, existiria a possibilidade do conversador aprofundar as perguntas da maneira que achar mais proveitosa para o trabalho e ao mesmo tempo ter um questionário norteador pré definido para possibilitar um efeito de comparação entre as conversas.

Desta forma, o entendimento acerca da formulação do questionário utilizado por este PIBIC é necessário para que fique mais claro como ocorreu a materialização destas noções apresentadas anteriormente.

As perguntas utilizadas no questionário desta pesquisa podem ser classificadas em 4 eixos principais de análise, sendo eles: Decisão de Morar em Itaquera; Impressões sobre a chegada da Arena Corinthians; Impactos (Vida, Imagem do Bairro e Serviços Públicos); Expectativas Futuras

O primeiro eixo analisado, o da Decisão de Morar, é o que contempla os motivos que levaram as famílias estudadas a ter suas casas na região de Itaquera e também o que faz com que elas permaneçam morando por lá. O eixo das Impressões sobre a chegada da Arena Corinthians buscava entender quais eram as expectativas

dos moradores para a chegada da Copa do Mundo, idéia que vai também no sentido do eixo das Expectativas Futuras, que dizia respeito ao que os moradores acreditam que aconteceria na região quando o estádio pertencesse ao Corinthians somente. O eixo dos impactos procurava entender quais eram os impactos concretos que os moradores estavam percebendo nos momentos deste PIBIC.

Sendo assim, estes eixos norteadores deram base ao questionário formulado e permitiram a verificação dos elementos teóricos que guiaram a realização PIBIC e serão entendidos a seguir (o questionário encontra-se no Anexo 1)

### **3. Revisão Teórica**

As idéias que moldam este projeto são provenientes de discussões teóricas existentes sobre os seguintes temas: Desenvolvimento Local, Gentrificação e Exclusão Social.

#### **3.1. Desenvolvimento Local**

O desenvolvimento local é um conceito de difícil definição, uma vez que ainda há pouca clareza na literatura sobre o significado desse desenvolvimento específico, prevalecendo a polissemia. Deve-se dizer portanto que este projeto de PIBIC se guiou principalmente pelas idéias propostas pelo trabalho de Pike, Rodriguez-Pose & Tomaney (2006), Oliveira (2002), Spink(2000) e Sen(2003).

Na visão de todos é importante entender o caráter contextual que o desenvolvimento local apresenta, isto é, que ele depende das especificidades que moldam e dão singularidade à determinada localidade. Faz-se necessário, portanto, compreender os valores e os processos históricos e políticos do espaço em que o desenvolvimento local ocorre. Pode-se dizer que o papel dos valores é o de *“shape how specific social groups and interests in particular places define, understand, interpret and articulate what is defined and meant by local and regional development”* (Pike, Rodriguez-Pose & Tomaney, 2006, p.1259).

Desta forma, os valores que permeiam todos os envolvidos na localidade, desde os moradores até as esferas do poder público responsáveis pelo local, são determinantes para definir o que enxerga-se por desenvolvimento local e quais são seus efeitos na sociedade. Admitindo, portanto, que os valores são fundamentais no processo de desenvolvimento, e que cada localidade pode vir a apresentar valores diferentes que dependem de uma série de variáveis, pode-se dizer que há assim a possibilidade de infinitas dimensões de desenvolvimento acontecerem.

No entanto, todas possuem em comum o fato de apresentar tanto um impacto quantitativo como um qualitativo na localidade. Dentre as dimensões quantitativas, destacam-se: crescimento per capita do PIB, número de empregos criados ou preservados, novos projetos de investimentos garantidos ou novas empresas instaladas. Já a dimensão qualitativa – tornada mais importante nos anos recentes – foca preocupações mais subjetivas sobre o desenvolvimento, como a sustentabilidade econômica, social e ambiental, o tipo e a qualidade dos trabalhos criados, a integração

dos investimentos, e o potencial de crescimento e os setores das firmas que estão sendo instaladas.

Para compreender com maior exatidão quais são os valores que permeiam o determinado caso de desenvolvimento local estudado, Pike, Rodriguez-Pose & Tomaney, (2006) apresentam a idéia de que todos aqueles que estudam e trabalham com desenvolvimento devem fazer uma importante pergunta ao analisar casos específicos: “*For whom?*”. Ao perguntar esse “para quem?”, questiona-se o modelo de distribuição das benesses geradas pelo processo de desenvolvimento, ou seja, para quem vai este desenvolvimento, uma pergunta que pode auxiliar a evidenciar, por exemplo, se o processo de desenvolvimento local tem como valor a diminuição das desigualdades, ou se somente as reproduz. A frase a seguir evidencia esta idéia: “*The distribution of social power and resources within society shapes the economic, social and political inequalities and experiences of local and regional development*” (Pike, Rodriguez-Pose & Tomaney, 2006, p.1261).

Neste sentido, a influencia da política é de fundamental importância e não pode ser deixada de lado. Tanto que Pike, Rodriguez-Pose & Tomaney(2006) apontam para a existência de duas vertentes políticas que tratam os objetivos e valores do desenvolvimento local de maneiras distintas, 1) progressiva 2) regressiva.

A primeira é composta por autores críticos ao capitalismo que enfatizam a necessidade da atuação estatal na regulação dos mercados para conter as disparidades geradas pelo sistema econômico vigente, colocando o Estado no papel de principal órgão responsável pelo combate às desigualdades econômicas e imperfeições geradas. Já a segunda é a forma regressiva, que possui como valor norteador a idéia de “soma zero” em que determinadas regiões atingem alguma forma de desenvolvimento a partir das custas de outras. Desta forma, a perda de uma localidade seria compensada pelo ganho de outra.

É justamente no sentido de defender o primeiro tipo de desenvolvimento e criticar este segundo que o trabalho de Oliveira (2002) se dá. O autor argumenta que deve-se ter atenção para que o desenvolvimento local não seja utilizado como um confirmador das desigualdades existentes, auxiliando na limitação das capacidades e das alternativas das pessoas. “*O desenvolvimento local não pode ser pensado como centralização à concentração; pelo contrário, ele pode inserir-se numa estratégia de descentralização que agrave as desigualdades*” (Oliveira, 2002, pg 16).



O desenvolvimento local, portanto, deve ser entendido como um fenômeno holístico, que abarca não só aspectos econômicos, mas toda uma série de questões que dizem respeito ao quadro social de determinada comunidade, aproximando-se assim das discussões propostas por Spink(2000), que defende que a administração pública não pode ser pautada principalmente pela efetividade, mas sim pelo viés da garantia de direitos. Ou seja, o desenvolvimento que o poder público provém deve transcender o crescimento econômico, levando em consideração também fatores como a construção da cidadania, por exemplo. *“It places its emphasis not only on results but also on the nature of the relationship that is built up with citizens; it essentially argues in favor of turning public administration sensitive and more focused by working from the outside”* (Spink, 2000, pag. 52)

Sendo assim, fica evidente o fato de que o desenvolvimento local deve ser entendido como um processo que envolve muito mais que apenas aspectos econômicos, envolve também todo um leque de valores políticos e sociais que durante muito tempo foram deixados de lado das análises referentes ao desenvolvimento. No mesmo sentido, Sen (2011) afirma que a pobreza não pode ser pensada somente pela noção da renda, mas que deve ser entendida como a limitação do leque de possibilidades do ser humano. Com isso, pode-se dizer que o desenvolvimento seria justamente o processo de ampliação das possibilidades, que seria garantido pelo acesso à políticas e serviços públicos.

A análise dos princípios norteadores das ações referentes ao processo construção da Arena Corinthians, portanto, será de suma importância para que possamos entender para quem as benesses provenientes irão se dar e como o estádio pode ser entendido como um espelho para algum dos modelos de desenvolvimento local.

### **3.2 Gentrificação**

A gentrificação será entendida a partir da perspectiva de Smith(1979), que ao apresentar os resultados de seus estudos sobre o processo de suburbanização e do conseqüente processo de volta ao centro da região de Society Hill, Philadelphia, Estados Unidos, refuta a maioria das teorias existentes sobre o tema.

Prevalece no trabalho a idéia de que a gentrificação não influencia no movimento de moradores de outras cidades à região ou dos subúrbios para o centro, como é o caso analisado pelo autor. Na verdade, ela seria um movimento que influencia quem já era morador da cidade, aumentando os fluxos entre regiões da própria cidade.

O autor discute principalmente o fato da gentrificação ser um processo no qual o movimento do fluxo do capital à uma região é, na verdade, mais importante do que a ida de determinados grupos sociais à ela.

*“Whether gentrification is a fundamental restructuring of urban space depends not on where new inhabitants come from but on how much productive capital returns to the area” (Smith, 1979, p. 538)*

A maioria da literatura existente sobre o tema diz ao contrário, que a gentrificação ocorre como causa de decisões individuais no âmbito cultural e econômico, ou seja, que está sujeita principalmente à teoria das preferências do consumidor, que leva em conta o custo-benefício das alternativas que dispõe a pessoa.

*“According to the neoclassic theory, suburbanization reflects the preference for space and the increase ability to pay for it due to the reduction of transportation and other constraints” (Smith, 1979, p. 539).*

No entanto, tal visão deixa de lado todos os outros atores envolvidos no processo da gentrificação, como construtoras, incorporadores e agências governamentais. Desta forma, não leva em conta as preferências do produtor, e é neste ponto reside a inversão da lógica de pensamento proposta por Smith(1979).

*“A broader theory of gentrification must take the role of producers as well as consumers into account, and when its done, it appears that the needs of production – in particular the need to earn profit – are a more decisive initiative behind gentrification than consumers preference” (Smith, 1979, p.540)*

O processo de gentrificação tem como um de seus principais atores o mercado de construções, que é conhecido por ser um dos mais favoráveis à acumulação de

capital. Isto porque estes mercados se favorecem das dinâmicas econômicas que mudanças no espaço urbano provenientes da gentrificação provocam na região. Entretanto, este mercado funciona em uma lógica cíclica, ou seja, é altamente rentável até o momento em que as chances de obtenção de lucro se esgotam e os prejuízos começam a aparecer.

*“Faced with the need to expand the scale of their productive activities, and unable or unwilling for a variety of reasons to expand any further where they were, industries jumped out beyond the city to the base of the land value cone where extensive spatial expansion was both possible and relatively cheap” (Smith, 1979, p. 541)*

Sendo assim, os interesses dos atores que obtêm os meios de produção é o que prevalece no processo de gentrificação. É o acúmulo de capital que dita as mudanças nos fluxos sociais, e não ao contrário. O mercado de construções também aparece como ator importante no sentido de se favorecer com estas mudanças e ter caráter cíclico.

A percepção das alterações que ocorreram nas dinâmicas da urbanização de Itaquera após a Arena Corinthians ser construída, tornarão possível entender como o processo de gentrificação, se é que houve, ocorreu no local. Ou seja, se obedeceram a esta tese ou não.

### **3.3 Exclusão Social**

A idéia de exclusão social será tratada inicialmente a partir da perspectiva de Brugué (2009). O autor discute como as alterações nas dinâmicas sociais e econômicas ocorridas nas últimas décadas possibilitaram o surgimento de novas formas de exclusão social.

O modelo de desenvolvimento utilizado pelos países europeus no último século, focado no bem estar social, era pautado principalmente por políticas econômicas keynesianas e pela oferta de serviços públicos universais. Este modelo produziu, durante um certo período, crescimento econômico somado à altos níveis de coesão social. Entretanto, pode-se dizer que foi o próprio desenvolvimento do estado de bem estar que trouxe ao esgotamento do modelo. *“La estabilidad y seguridad*

*material generalizada desaparece junto a las transformaciones sociales que acompañan al propio desarrollo del estado de bienestar". (Brugué, 2009, pg.212)*

As políticas redistributivas inerentes ao estado de bem estar alteraram as típicas segmentações de classe, que deixaram de se resumir aos detentores dos meios de produção e aos proletários, dando espaço assim ao surgimento da chamada nova classe média. Esta nova classe média é pautada por novos símbolos, muito mais próximos de valores como consumo e preferências individuais do que valores grupais. *"Las nuevas clases medias, más educadas y sofisticadas, ya no se conforman con el menu de servicios que les ofrece el estado de bienestar social"* (Brugué, 2009, p. 213). Isto significa que querem, além dos serviços públicos universais, serviços personalizados e fragmentados de acordo com as necessidades e vontades de cada um.

Entretanto, estas demandas pós materialistas não se encaixavam no contexto de redescobrimto da pobreza que a Europa passava. O final do estado de bem estar significou também o final da estabilidade social que protegia o cidadão, deixando-o em uma situação de maior vulnerabilidade e abrindo espaço para a exclusão social.

*"Es probablemente la asimetría entre el discurso dominante (posmaterialismo y consumismo) y las situaciones personales (marginalidad y pobreza) el primer factor de exclusión, la primera razón de la incapacidad de nuestra sociedad ya no de abordar sino incluso de aceptar la situación de estas personas. Los nuevos pobres no tienen espacio en la sociedad, ni arriba, ni abajo, ni muy abajo, y, por lo tanto, se les deje fuera, excluidos"* (Brugué, 2009, p. 214).

É no sentido de entender as maneiras com que esta exclusão se materializou na sociedade que o autor chama a atenção para a existência de três formas complementares de exclusão: 1) como situação, 2) como risco, 3) como processo.

A exclusão como *situação* é aquela em que a pessoa se encontra totalmente à margem da sociedade. Isto é, como a pobreza é um fator que envolve diferentes dimensões (educacionais, sociais, materiais), as respostas políticas não dão conta de atingir estas pessoas, que passam a ser considerados invisíveis. A exclusão como *risco* aparece dentro do cenário da crescente individualização das relações humanas, que ao acabar com os vínculos sociais, aumenta a vulnerabilidade humana e

generaliza o risco da exclusão para todos. “*Hay un grupo de excluidos, cierto, pero todos estamos bajo el riesgo de exclusion*” (Brugué, 2009, p. 215)

Finalmente, a exclusão como processo vai de encontro à tradicional tendência de culpar o próprio excluído pela sua situação e apresenta a exclusão como fruto do próprio modelo de desenvolvimento escolhido pela sociedade. Assim, a exclusão não é o resultado de um fracasso pessoal, mas sim, o efeito de processos econômicos e sociais gerais. Enfrentar o problema da exclusão social não requer apenas redesenhar políticas sociais; requer replanejar o modelo de desenvolvimento.

Esta diferenciação dos tipos de exclusão social ajudará a entender se houve alguma alteração na situação de exclusão dos moradores da região de Itaquera com a construção da Arena Corinthians. Desta forma, poderemos analisar quais os impactos do estádio nas dinâmicas sociais e econômicas da região sob a ótica da exclusão social e chamar atenção para a ação do poder público, mais especificamente poder público local, a Prefeitura de São Paulo, no que diz respeito ao combate ou não deste processo de exclusão .

## **4. A pesquisa de campo com os moradores**

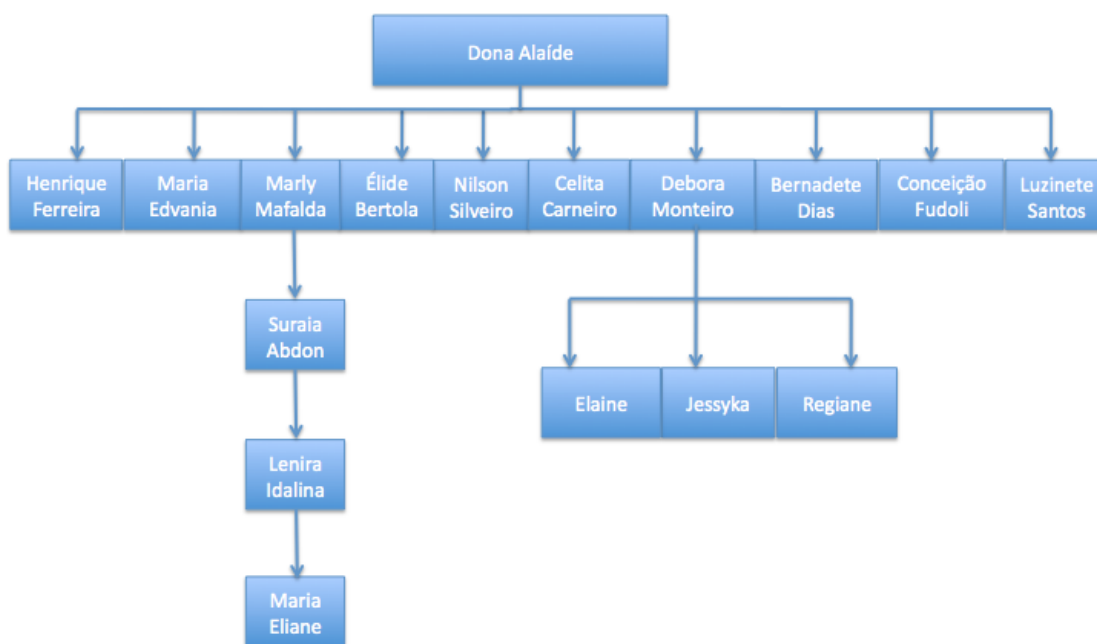
### **4.1 Seleção Famílias**

Para que realizássemos uma aproximação com famílias moradoras do entorno da região do estádio do Corinthians, buscamos nos aproximar da Associação de Moradores e Mutuários da COHAB 1 (AMMO). Esta associação tem como objetivo representar os interesses dos habitantes da região de Artur Alvim, bairro mais próximo ao local em que a Arena Corinthians foi construída.

Logo na primeira ida à campo para reconhecer o local e realizar as primeiras entrevistas, visitamos a AMMO para conversar com a responsável pela Associação e líder comunitária, Dona Alaíde, uma senhora de 75 anos que mora no bairro há mais de 35 anos. Explicamos o trabalho à ela, os objetivos, os processos, os momentos de entrevistas que seriam necessários e perguntamos se ela poderia indicar famílias para conversar com os pesquisadores, uma vez que ela é figura importante na realidade local de Itaquera e conhece diversos moradores da região há muito tempo. Ela logo se prontificou a encontrar as pessoas, e a partir disto conseguimos realizar as primeiras entrevistas.

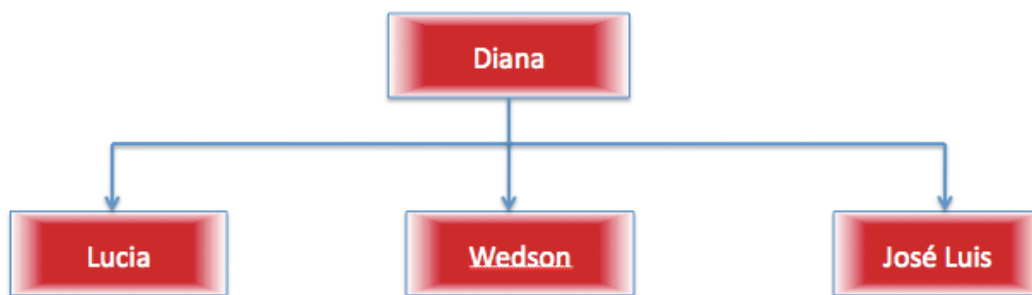
Desta forma, demos início à estratégia da “bola de neve”, o que significa que foi a partir destas entrevistas iniciais que encontramos o restante das famílias necessárias para a realização do trabalho. A estratégia consistia em perguntar para todos os entrevistados se eles conheciam alguém que estaria disposto a participar do trabalho e ir conversar com estas pessoas já com algum nível de identificação e em um clima amistoso. Alguns respondiam que não, mas outros nos indicavam vizinhos, amigos ou familiares, o que justifica a existência de pesquisas com pessoas moradoras do mesmo prédio, por exemplo.

O fluxo da bola de neve iniciado pela Dona Alaíde, da AMMO, se deu da seguinte maneira na primeira rodada:



Durante a segunda e a terceira rodada, no entanto, não foi possível repetir a entrevista com alguns destes entrevistados, por motivos variados que são inerentes ao trabalho de campo, como desistência por motivos pessoais de saúde. Sendo assim, deve-se dizer que a entrevistada I (Jessyka), L (Conceição Fudoli) e P (Luzinete) desistiram logo após a primeira rodada, perdendo contato totalmente com o pesquisador.

O outro grupo de entrevistados pertence à Comunidade da Paz. Conseguimos o contato de um dos líderes comunitários da favela por meio do Comitê Popular da Copa e procuramos a aproximação através de ligações semanais para entender melhor a situação que eles estão passando e para manter um diálogo aceso. Após um começo difícil, conseguimos ir até a Comunidade da Paz conhecer o local. Lá fomos recebidos pela líder comunitária Diana, que da mesma forma que Dona Alaíde fez, conseguiu encontrar pessoas dispostas a conversar e participar do projeto. Desta forma pode-se dizer que aqui também foi utilizada a mesma estratégia “bola de neve” de anteriormente. Este fluxo se deu da seguinte maneira:



Assim como os moradores da COHAB 1, alguns dos moradores da Comunidade da Paz decidiram deixar de participar da pesquisa, também por motivos pessoais, respondendo somente a primeira rodada de entrevistas. São eles o entrevistado S (Wedson) e R (José Luiz). Entretanto, aqui ressalta-se o fato das entrevistadas restantes serem discursos representativos no sentido de compreender as especificidades passadas pela Comunidade, uma vez que a entrevistada Q (Diana) é líder comunitária e tesoureira da Associação da Comunidade da Paz, e a entrevistada Lúcia é moradora da favela há décadas.

Após finalizar as entrevistas nos 3 momentos previamente pensados, pôde-se produzir uma tabela que apresentasse os moradores selecionados que auxiliaram muito a realização deste trabalho. Inicialmente, havia-se pensado a participação de 20 pessoas durante todo o processo de pesquisas, entretanto, a desistência de 5 pessoas fez com que a amostra analisada fosse reduzida para 15 pessoas, número ainda relevante e que somado com a vivência do pesquisador na região, permitiram a compreensão dos impactos sociais e econômicos vividos por estes moradores durante a realização da Copa do Mundo de 2014.

| <b>Entrevistado</b> | <b>Idade</b> | <b>Proprietário ou não</b> | <b>Região</b> |
|---------------------|--------------|----------------------------|---------------|
| A ( Suraia )        | 65           | Sim                        | COHAB 1       |
| B ( Lenira)         | 66           | Sim                        | COHAB 1       |
| C (Maria Eliane)    | 60           | Sim                        | COHAB 1       |
| D (Élide)           | 67           | Sim                        | COHAB 1       |
| E (Marly Mafalda)   | 70           | Sim                        | COHAB 1       |



|                        |           |            |                          |
|------------------------|-----------|------------|--------------------------|
| F (Maria Edvania)      | 34        | Sim        | COHAB 1                  |
| G ( Debora )           | 48        | Sim        | COHAB 1                  |
| H ( Elaine )           | 21        | Não        | COHAB 1                  |
| <b>I ( Jessyka )</b>   | <b>22</b> | <b>Não</b> | <b>COHAB 1</b>           |
| J (Regiane)            | 31        | Sim        | COHAB 1                  |
| K ( Nilson )           | 70        | Sim        | COHAB 1                  |
| <b>L ( Conceição )</b> | <b>70</b> | <b>Sim</b> | <b>COHAB 1</b>           |
| M ( Celita )           | 55        | Sim        | COHAB 1                  |
| N ( Bernadete )        | 60        | Sim        | COHAB 1                  |
| O ( Henrique )         | 28        | Sim        | COHAB 1                  |
| <b>P ( Luzinete )</b>  | <b>69</b> | <b>Sim</b> | <b>COHAB 1</b>           |
| Q ( Diana )            | 37        | Sim        | Comunidade da Paz        |
| <b>R ( José Luis )</b> | <b>60</b> | <b>Sim</b> | <b>Comunidade da Paz</b> |
| <b>S ( Wedson )</b>    | <b>40</b> | <b>Sim</b> | <b>Comunidade da Paz</b> |
| T ( Lucia )            | 59        | Sim        | Comunidade da Paz        |

Tabela de entrevistados. Nomes em vermelho são os que apenas responderam à 1ª rodada

#### **4.2 Realidades locais**

Antes de apresentar os resultados deste PIBIC devemos descrever as regiões estudadas, uma vez que conhecer a realidade das pessoas entrevistadas significa entender melhor as respostas dadas por elas.

São regiões bastante distintas no que se refere ao histórico de formação das dinâmicas sociais e econômicas e conseqüentemente sobre a maneira com que o impacto da construção do estádio possivelmente se deu na vida nos moradores. Isto porque os moradores são um reflexo destas diferenças existentes entre os locais. Desta forma, trataremos as duas regiões separadamente quando necessário, uma vez que são

regiões distintas, que funcionam a partir de outras lógicas sociais e a partir de outros problemas, com moradores que apresentam perfis também diferentes, que devem ser entendidos um por um. Na figura abaixo pode-se entender a localização das famílias entrevistadas.

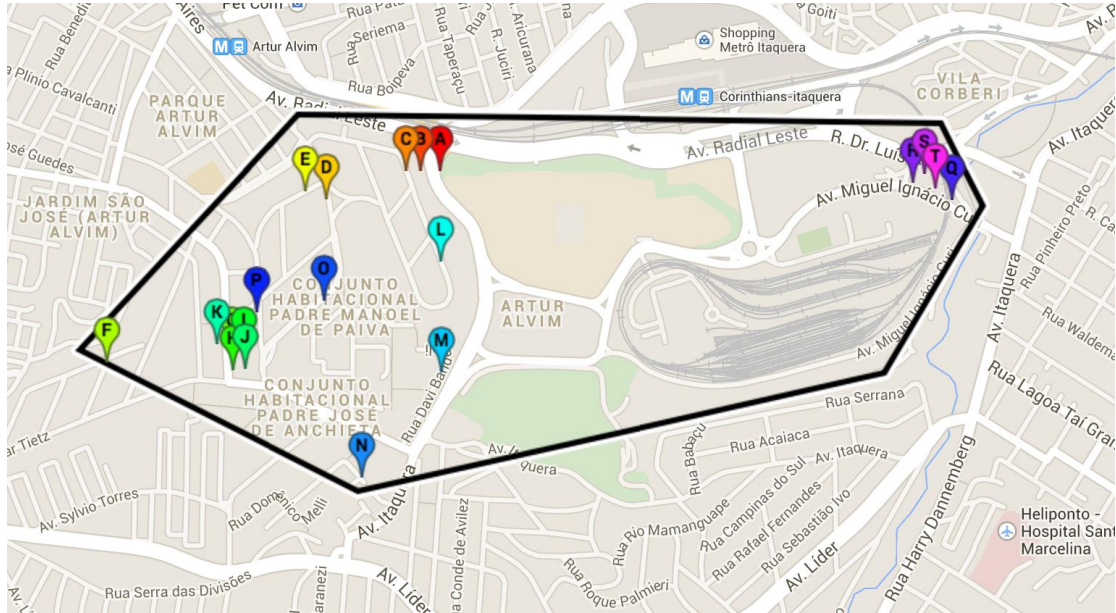
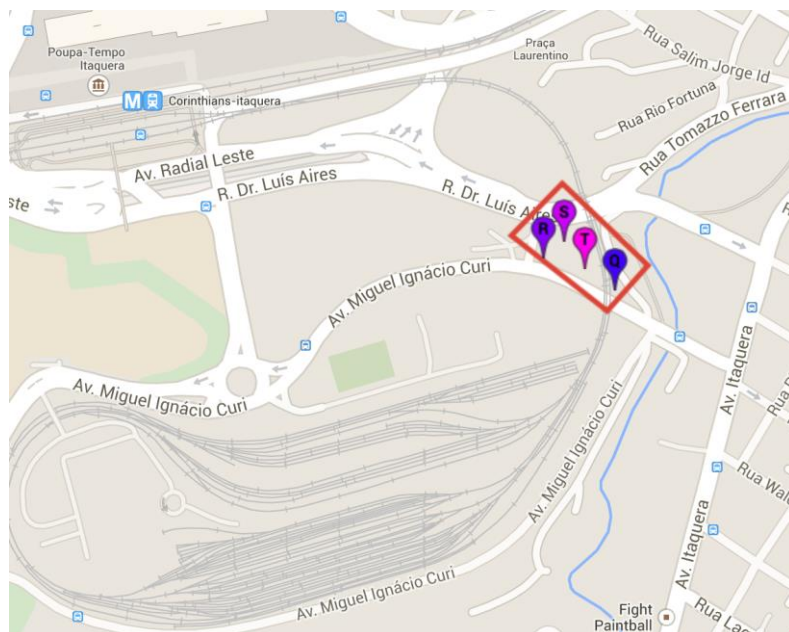


Figura 1: Localização das Famílias

#### 4.2.1 Comunidade da Paz

A concentração de moradores moradores do lado direito da figura acima são os entrevistados pertencentes à Comunidade da Paz. Na figura abaixo, pode-se ter uma noção maior de sua localização e tamanho.



## Figura 2. Localização das famílias da Comunidade da Paz

Ela foi escolhida por ter sido uma favela que sofria a ameaça de ser removida pelo poder público no mesmo momento em que o estádio do Corinthians estava sendo construído. Tal fato gerou diversas denúncias por parte dos moradores da favela de que os processos judiciais referentes à remoção teriam sido acelerados por conta da construção do estádio. Desta forma, diziam que estavam sendo despejados por estarem próximas ao estádio, o que significaria o estádio produzindo um impacto muito negativo à vida deste determinado grupo de famílias pobres.

A história da Comunidade da Paz tem início em 1991, quando um pequeno grupo de famílias decidiu invadir um terreno que pertencia à Companhia Metropolitana de Habitação (COHAB). Com o passar dos anos, uma série de famílias chegaram no local e lá construíram suas moradias, dando origem à Comunidade da Paz. Frente esta situação, em 1996, a COHAB entrou com o primeiro processo de reintegração de posse contra os moradores da favela, que perante o perigo de remoção, buscaram instituições públicas que poderiam auxiliá-los no processo judicial, como o Ministério Público e a Defensoria Pública. Além disso, a Comunidade contava com o auxílio jurídico de um grupo social universitário, e desta forma, conseguiram derrubar a liminar que autorizava a remoção das famílias que lá moravam. Com o processo parado na justiça, a Comunidade foi deixada de lado pelo poder público, que ao mesmo tempo que não se esforçou para que a reintegração de posse ocorresse, também não atuou no sentido de garantir direitos básicos como água, luz e saneamento básico para os moradores do local.

Sendo assim, a extrema pobreza era o que se via na favela até os programas de transferência de renda do Governo Federal, como o Bolsa Família, serem implantados. No entanto, deve-se dizer que a pobreza é um problema multidimensional, que não pode ser entendido exclusivamente a partir da ótica da quantidade de renda do indivíduo, mas deve levar em conta também a garantia de direitos básicos do cidadão, com o acesso a serviços públicos de educação, saúde e cultura, por exemplo. Tal ideia é o centro da discussão proposta por Sen(2011). Desta forma, pode-se dizer que a pobreza nunca deixou de ser fator presente na realidade da favela.

A situação da Comunidade da Paz permaneceu inalterada até abril de 2013, quando seus moradores, por meio de um contato de um colega que trabalhava na Prefeitura, descobriram que um processo de reintegração de posse estava em andamento contra eles e que eles teriam pouco tempo para se organizar e se defender, já que a data de expedição estava prevista para o dia 26 de abril. Tal fato foi logo creditado à construção da Arena Corinthians e a aproximação da abertura da Copa do Mundo do Brasil, uma vez que os moradores não acreditavam no fato de que os repentinos esforços para retirá-los do local, justamente um ano antes da estréia do mega evento, era mera coincidência. Chama-se atenção aqui também para o fato de nenhum morador ter sido avisado previamente sobre esta situação pelo poder público, o que significa dizer que se não tivessem um contato na Prefeitura, provavelmente teriam sido removidos sem chances de defesa.

É evidente, portanto, que processos prévios à realização da Copa do Mundo em São Paulo, pelo menos no que se refere ao que seria feito com as áreas próximas à Arena Corinthians, não foram realizados com a transparência necessária, colocando uma dúvida sobre quais interesses estavam sendo defendidos pelos atores públicos envolvidos com a Copa do Mundo até então.

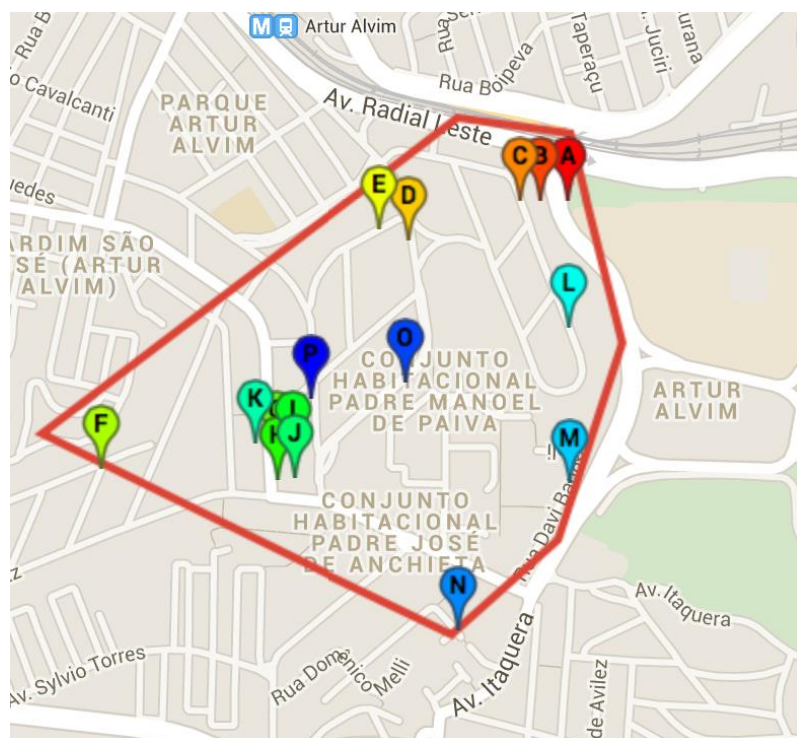
No entanto, a Comunidade conseguiu se articular rapidamente, acionou sua rede de contatos e fundou a Associação de Moradores da Vila Da Paz, que permitiu que o grupo de moradores da favela pressionasse o poder público e evidenciasse sua situação à alguns promotores do Ministério Público, à diversos grupos sociais que defendem os direitos humanos, como o Central Popular da Copa, e também à mídia, que colocou em evidência o problema vivido pelos moradores da favela e passou a jogar luz ao processo. Este PIBIC começou acompanhar a Comunidade da Paz em agosto de 2013 e vivenciou justamente os momentos mais significativos de definição deste caso.

O desenvolvimento e finalização dos processos que envolvem a Comunidade da Paz será entendido mais a frente, quando forem demonstrados os resultados do trabalho, e será fundamental para que possamos analisar para quem se deu o desenvolvimento da região.

#### **4.2.2 COHAB 1**

A maioria dos entrevistados nesta pesquisa são moradores de apartamentos ou casas da COHAB 1, mais especificamente na região de Artur Alvim, ao lado de

Itaquera e da Arena Corinthians. Na figura abaixo pode-se ver a região de forma mais



aproximada, contornada pela linha vermelha.

Figura 3. Localização das famílias da COHAB 1

Conforme mencionado, conseguimos nos aproximar da região e de sua história a partir do primeiro contato com a Associação de Moradores e Mutuários da COHAB 1 (AMMO), representada na figura de Dona Alaíde, vice Presidente da AMMO e uma das moradoras mais antigas da região, que reside lá desde 1978.

Desta forma, o conhecimento que possuímos da história e desenvolvimento da região é fruto primeiramente das entrevistas realizadas com Dona Alaíde e também de pesquisas sobre dados mais específicos do local.

O processo histórico de desenvolvimento da região teve início na década de 70, quando chegaram as primeiras pessoas à Itaquera, provenientes das mais diversas áreas da cidade, como Vila Formosa e Carrão, e também das mais distintas classes sociais. A maioria destas pessoas vieram para Itaquera porque haviam sido incluídas na política habitacional da COHAB e iriam morar no Conjunto José Anchieta, primeiro conjunto habitacional da região e que foi inaugurado em 1978. Entretanto,

nesta época, Itaquera não dispunha de serviços públicos que pudessem atender a demanda de seus moradores, como hospitais e escolas.

Dentro deste cenário de descaso do poder público com a região, alguns partidos políticos logo se aproximaram dos moradores para pressionar e exigir as melhorias necessárias, sendo o principal deles o Partido dos Trabalhadores, cujo Dona Alaíde foi filiada durante muitos anos. Este envolvimento dos partidos com a região significou a politização de uma grande quantidade de moradores e também o movimento inicial de uma longa busca pela garantia dos direitos dos moradores de lá. Pode-se dizer que o surgimento da Associação, que recentemente completou 30 anos de existência, é também uma das conseqüências desta forte politização da região e um dos principais pilares de desenvolvimento da região.

A construção do metrô, do terminal Corinthians-Itaquera, de um PoupaTempo, de um Detran, são alguns dos exemplo que evidenciam que Itaquera passou a estar presente na agenda do poder público, muito pela aproximação que os grupos políticos tiveram com os moradores da região e por essa pressão exercida pelas associações. Desta forma, Itaquera já caminhava por um processo de desenvolvimento, com a presença do investimento do setor público na região.

Entretanto, não foi só o interesse público que foi atraído, o que também se observou no processo de desenvolvimento da região foi uma atração de alguns grupos econômicos de interesse privado para atuar. Além dos comércios locais instalados nas proximidades do metro, a construção de dois shoppings e hipermercados conferiram à região algum tipo de dinâmica econômica comercial. Entretanto, é fato que Itaquera ainda configura-se como um local dormitório, em que as pessoas moram mas não trabalham. Isto porque não há empresas e atividade econômica privada na região e os moradores tem que se deslocar para outras áreas da cidade para trabalhar.

Desta forma, a apresentação da conjuntura em que Itaquera está inserida é fundamental para que se possa compreender o fato da região possuir atualmente um IDH de 0,833, número considerado elevado pelos padrões do indicador. Deve-se ter esta noção definida para que se entenda que os impactos da construção da Arena Corinthians não ocorreram em uma folha em branco, ou seja, estiveram inseridos em contextos prévios, com as especificidades que permearam o processo de desenvolvimento de Itaquera.

## 5. Visão dos atores externos

A materialização deste PIBIC está diretamente ligada à aproximação que ocorreu com uma série de atores externos envolvidos no processo de construção da Arena Corinthians e da organização dos seus entornos. Esta ligação foi essencial para que fosse possível entender qual a visão e posicionamento dos diferentes atores externos envolvidos nos processos da construção da Arena Corinthians.

O primeiro contato realizado foi com o movimento social denominado Comitê Popular da Copa, grupo que buscava trazer transparência aos processos políticos e econômicos referentes à construção da Arena Corinthians, denunciando os momentos em que o poder público não respeitava os direitos básicos dos cidadãos mais pobres durante as construções públicas destinadas à Copa. Desta forma, o Comitê funcionava como um órgão de controle da Sociedade Civil para com as obras relacionadas à Copa e seus impactos na vida das pessoas, que segundo eles, cada vez mais apresentavam dados preocupantes. Neste sentido, diziam que a Copa estava trazendo impactos negativos para alguns grupos de moradores da região de Itaquera, já que não estes estariam tendo seus direitos - principalmente no que se refere à habitação - respeitados.

Uma destes impactors seria o despejo de uma favela localizada nas proximidades do estádio do Corinthians, a Comunidade da Paz, área que será analisada por este PIBIC mais a frente, com a justificativa de que eles estariam em uma área de risco e que por isso, deveriam sair dali. A aproximação com este grupo logo no início do trabalho permitiu, portanto, que fossem apresentados à uma visão crítica que buscava demonstrar as consequências negativas que a construção da infraestrutura necessária pra Copa traria à cidade.

A segunda organização social contatada foi o Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos. Lá pudemos participar do encontro semanal do grupo que representa os vendedores ambulantes de São Paulo, que na época estava preocupado em se organizar para evitar que a Copa trouxesse impactos negativos à eles, uma vez que uma das exigências da FIFA era a de que este tipo de comércio informal seria proibido nos arredores do estádio. Além disso, o Centro Gaspar Garcia também fez referência à Comunidade da Paz ao tomarem conhecimento dos propósitos do nosso trabalho de PIBIC, e também nos colocou em contato com a Comunidade, uma vez que tinha produzido, juntamente com a Comunidade, um Plano

Alternativo à decisão da prefeitura de despejá-los, plano que foi deixado de lado mas que representou a demonstração de alternativas ao poder público.

No sentido de entender a visão do poder público sobre os assuntos referentes ao tema, definiu-se que a Prefeitura de São Paulo seria a instituição escolhida para análise, uma vez que a atuação do poder municipal na lógica da organização do mega-evento foi fundamental para definir a forma com que diversos processos referente à Copa e suas conseqüências à cidade se dariam.

Deve-se dizer primeiramente que a realidade política do município de São Paulo foi alterada ao longo do processo de construção da Arena Corinthians. No ano em que Itaquera foi definido como o local que receberia os jogos em São Paulo, o prefeito era Gilberto Kassab e no ano de 2013 assumiu o atual prefeito Fernando Haddad. Mais à frente do trabalho poderemos perceber de que maneira esta mudança na dimensão política alterou também os processos e as tomadas de decisão no que era responsabilidade da Prefeitura.

Sendo assim, realizamos uma entrevista com o então subprefeito de Itaquera, Miguel Afonso, hoje subprefeito adjunto. Ele defendeu a idéia de que o estádio não pode ser analisado sozinho, alheio ao contexto em que está inserido e foi enfático ao ressaltar os recentes avanços passados por Itaquera nas últimas décadas, com o investimento público na região em políticas viárias por exemplo. No que se refere ao estádio e seus impactos na região, a visão do subprefeito é a de que este empreendimento privado chegou para somar-se ao que já encontrava-se em andamento em Itaquera e que portanto, deve ser entendido como mais uma variável atuante no desenvolvimento da localidade no longo prazo.

Diferentemente do que foi dito pelo ex-prefeito Gilberto Kassab em seu pronunciamento na data que Itaquera foi escolhida para ser o local que receberia a construção do estádio, para o subprefeito, a chegada do estádio à região não traz desenvolvimento, traz crescimento, oportunidade econômica, já que para ele a noção de desenvolvimento necessariamente perpassa pelo poder público, que deve realizar políticas públicas no sentido de garantir que as benesses trazidas pelo empreendimento não se concentrem nas mãos de grupos de interesse específicos.

Entretanto, quando questionado sobre políticas públicas específicas para o desenvolvimento da região no momento posterior da Copa, o subprefeito afirmou que não há nada de concreto definido, mas ressaltou que as políticas de incentivo fiscal, somadas ao Novo Plano Diretor aprovado recentemente, serão fundamentais para que



haja uma nova interpretação do uso do solo em Itaquera e que os benefícios trazidos para o bairro possam ser aproveitados pelos mais pobres.

Além disso, deve-se dizer que o atual subprefeito tem em sua história o fato de ter sido o advogado da Comunidade da Paz - localidade analisada por este PIBIC - quando atuava por movimentos sociais que prestavam assistência jurídica gratuita, e durante seu trabalho conseguiu derrubar a liminar da primeira tentativa de despejo passada pelos moradores da favela. Desta forma, pode-se dizer que o atual subprefeito tem histórico próximo das lutas locais e que sua chegada ao posto de subprefeito certamente foi simbólica para os moradores da Comunidade da Paz e determinante em seu futuro.

Finalmente, o último ator externo a ser compreendido no processo do estádio é a mídia. Sabe-se que a mídia não é um ator homogêneo, que assim como a opinião pública não pode ser considerado algo único, já que na verdade, é somente a publicização da visão que grupos de interesse específicos tem sobre algum acontecimento. A união destes discursos em um espaço público de debate daria origem à noção de opinião pública e mídia como um corpo único. Entretanto, deve-se chamar atenção para o fato do Brasil apresentar uma concentração midiática que não permite a existência de diversos grupos de interesse canalizando suas demandas e visões sobre os fatos. O que se vê no Brasil é que poucos grupos econômicos privados controlam todos os instrumentos midiáticos do país, o que permite que a maneira com que a informação é divulgada seja definida por interesses privados e não públicos, limitando muitas vezes as discussões públicas e a existência deste espaço de discussão.

Dada esta noção, deve-se dizer que a forma com que o Brasil se sairia na organização da Copa do Mundo certamente possuiria efeitos eleitorais que alguns destes grupos estavam interessados. Neste sentido, pode-se dizer que no momento anterior à Copa do Mundo uma parte da mídia brasileira estava produzindo notícias de caráter sensacionalista, no sentido de que a Copa não daria certo, que seria um fiasco de organização, que as obras não ficariam prontas a tempo e que os jogos de futebol trariam violência para a região<sup>6</sup>. As notícias referentes aos atrasos na construção da

---

<sup>6</sup> Como pode-se ver nas notícias disponíveis nos links: <http://avaranda.blogspot.com.es/2014/03/gol-contra-copa-editorial-zero-hora.html>; <http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2014/04/1437881-editorial-a-copa-como-ela-e.shtml>;

Arena Corinthians e sobre os possíveis casos de corrupção se transformaram em parte do cotidiano da cidade.

No sentido da violência esta parte da mídia foi agressiva, uma vez que neste período pré-Copa haviam diversos movimentos sociais buscando trazer luz às suas demandas a partir da realização de manifestações nas ruas, que algumas vezes continham atos de violência e depredação. A repercussão destes casos eram contínua e diária, produzindo a idéia de que o país viveria um clima de guerra civil durante a Copa do Mundo.<sup>7</sup> Além disso, deve-se destacar o papel desta parte da mídia em associar o futebol com os casos violência nos estádios, colocando a violência e a bagunça como elementos inerentes à realização de jogos de futebol, produzindo ainda mais medo aos que são atingidos por estes veículos midiáticos.

Não cabe a este PIBIC julgar os motivos pelos quais diversos veículos midiáticos se colocaram (veladamente) contrários à Copa nos períodos anteriores a sua execução, entretanto, é fato que merece destaque o poder de influência que a mídia exerce nos discursos da população, fato que poderá ser observado ao longo deste trabalho.

Ao mesmo tempo, outra parte da mídia, principalmente por meio da internet e de redes sociais, teve papel fundamental em denunciar situações de abuso e também de descaso do poder público na forma com que diversos processos da organização do evento estavam se dando.

Sendo assim, pode-se dizer que o espaço da opinião pública estava em disputa durante os momentos prévios à Copa do Mundo, mas com uma maior presença dos veículos midiáticos que difundiam informações e expectativas negativas sobre a Copa. No entanto, deve-se dizer que durante a realização da Copa, este cenário de pessimismo e críticas se alterou completamente e pouco se ouviu ou se leu qualquer tipo de informação neste sentido.

---

<sup>7</sup> Como pode ser visto nas notícias disponíveis nos links :

<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/13/manifestantes-quebram-quiosque-da-globo-em-protesto-contra-a-copa-no-rio.htm> ;  
<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/12/manifestacao-recomeca-em-sao-paulo-com-black-blogs-confronto-e-fogo.htm> ; <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/06/manifestacao-contra-copa-perto-do-maracana-tem-tumulto.html>

## **6. Os “impactos” na fala dos moradores**

Os resultados das entrevistas/conversas devem primeiramente serem apresentados para posteriormente serem analisados a partir dos olhares propostos. Para tal, a partir das respostas dadas pelos entrevistados, buscou-se formar grupos que representassem as distintas opiniões, gerando um efeito de comparação desejável ao trabalho e possibilitando o entendimento de um quadro geral de quais eram os principais impactos que estavam sendo observados na região desde que a Arena Corinthians passou a fazer parte da realidade local de Itaquera.

Da mesma forma que as perguntas foram divididas em 4 eixos, os resultados também devem ser entendidos a partir dos mesmos eixos de análise, sendo eles: Decisão de Morar em Itaquera; Impressões sobre a chegada da Arena Corinthians; Impactos (Vida, Imagem do Bairro e Serviços Públicos); Expectativas Futuras

### **6.1 Decisão de Morar**

O primeiro eixo analisado, o da Decisão de Morar, é o que contempla os motivos que levaram as famílias estudadas a ter suas casas na região de Itaquera e também o que faz com que elas permaneçam morando por lá.

A maior parte dos entrevistados moradores da COHAB 1 se instalaram em Itaquera no final da década de 70 e no início da década de 80 depois de terem sido selecionados pelo programa da COHAB para receber os primeiros apartamentos que estavam sendo construídos na região. Estes moradores residem no bairro desde quando os primeiros conjuntos habitacionais foram construídos.

Este é o caso dos entrevistados A, B, C, D, E, G, K, L, M, N.. Pode-se dizer que a amostra selecionada por este projeto de PIBIC conseguiu reproduzir uma realidade local em termos de perfil social dos moradores da região, uma vez que a maioria dos selecionados para a pesquisa são em sua maioria pessoas com este perfil, ou seja, idosos com mais de 60 anos. São pessoas que chegaram lá no início da vida adulta, fizeram suas vidas, criaram seus filhos e envelheceram no bairro. Talvez por isso o espírito que pode ser percebido em Itaquera é o de uma comunidade bastante unida, passando um ar de uma cidade pequena, onde todo mundo se conhece e é amigo.

*“De noite é muita paz, tem as barraquinhas de açaí, hot-dog, parece que ta na praia mesmo. Aqui é muito sossegado, é que as pessoas tem uma visão errada. Aqui já foi muito perigoso*

*com certeza, mas hoje em dia é tranqüilo”(Entrevistada J, 31 anos, COHAB 1)*

Quando estes moradores chegaram em Itaquera a região ainda estava iniciando seu desenvolvimento, o que significa que a oferta de serviços públicos e privados ainda era baixíssima.

*“Não tinha nem ônibus, começou a aparecer ônibus 3 meses depois que eu vim morar aqui”(Entrevistado K, 60 anos, COHAB 1); “Quando eu cheguei não tinha nada, não tinha padaria, não tinha condução, era uma cidade de interior e hoje tem tudo” (Elide D, 67 anos, COHAB 1); “Quando inaugurou a COHAB, não tinha nada pronto, não tinha asfalto, não tinha padaria, tava começando quando eu cheguei aqui”i (Entrevistado P, 69 anos, COHAB 1);*

Esta situação somente se alterou quando partidos políticos se aproximaram da região e deram voz aos interesses dos moradores do bairro. Foi devido ao engajamento de alguns moradores da região em pressionar o poder público para trazer melhorias ao bairro que estes serviços foram chegando à região. Provavelmente por este motivo, os entrevistados apresentaram a característica de serem politicamente engajados. Alguns dos entrevistados são filiados e militantes ativos do Partido dos Trabalhadores. *“Eu cheguei aqui não tinha metro, não tinha asfalto. A gente teve que se envolver na política pra conseguir trazer tudo isso pra cá. Hoje, por causa disso ta tudo muito melhor pra gente aqui, eu vi o bairro crescer. (Entrevistado M, 55 anos, COHAB 1)*

Entretanto, a situação hoje é diferente. Todos os entrevistados, de A até T, quando questionados sobre quais eram as melhores coisas de morar em Itaquera, faziam referência ao fato do bairro ter todo o tipo de serviços por perto.

*“Aqui é tudo perto. Pra mim é tudo fácil, metro, ônibus, padaria, shopping, farmácia, DETRAN, Poupatempo. Eu tenho tudo pra cá, não que os outros bairros não tenham”(Entrevistado J, 31 anos, COHAB 1); “Primeira coisa é o metro, e depois o comercio aqui é bom, tem supermercado, tem shopping. Em questão de comercio a gente*

*ta bem servido.” (Entrevistado E, 70, COHAB 1); “Aqui é tudo perto, não tem uma coisa que eu queira que não acho aqui do lado da minha casa. Tem farmácia, shopping, mercado, padaria, tudo que você imaginar tem. E ainda tem o metro pertinho que facilita demais a condução quando a gente quer ir pra algum lugar.” (Entrevistado L, 70 anos, COHAB 1)*

Para reforçar ainda mais esta visão, alguns dos entrevistados, quando perguntados sobre as piores coisas de morar em Itaquera, respondiam que não existia nada de ruim no bairro. *“Aqui não tem nada ruim não, é tudo de bom.” (M, 55 anos, COHAB 1)*

Entre os entrevistados existem também as pessoas que já são a segunda geração da família que mora na COHAB 1. É o caso dos pesquisados H, I, J e O, que são nascidos, criados e estão fazendo sua vida em Itaquera. *‘Eu sou acostumada a morar aqui, morei minha vida toda aqui, 31 anos. Meus amigos eu conheci aqui, meu marido eu conheci aqui. Eu penso em continuar aqui, comprar o apartamento grande porque dai da pra ter outro filho se quiser.’ (Entrevistado J, 31 anos, COHAB 1)* Os pesquisados I e J possuem filhos pequenos e quando indagadas se acreditam se os filhos terão condições melhores de crescer e se desenvolver do que elas tiveram em sua infância, apresentaram respostas similares

*“Ah sim, com certeza ele vai ter uma vida melhor. Vai ser totalmente diferente, hoje a gente tem acesso a tudo, o que a gente não tinha antigamente. Quando minha mãe chegou aqui isso aqui não tinha nem asfalto, padaria, portão. Com certeza vai ser um bairro muito bom pra ele morar, aqui o acesso é muito fácil, tem a opção de morar aqui e estudar na Barra Funda. Apesar que agora tem bastante faculdade pra cá, a UniSantana, Aricanduva”.(Entrevistado J, 31 anos, COHAB 1); “Espero que sim, apesar da geração que eles tão hoje tá tudo muito pior. Mas a gente espera que fique tudo bem, aqui é sossegado, é só conseguir deixar a criançada longe da bandidagem que tá tudo certo”( Entrevistado I, 22 anos, COHAB 1)*

Entretanto, a opinião é geral na COHAB 1 quando se trata de sair do bairro, dizem que desejam permanecer lá.

Os moradores da Comunidade da Paz apresentam motivos semelhantes que os levaram até a favela que hoje moram. Todos os entrevistados moram na Comunidade há quase 19 anos e de alguma forma ou de outra, vieram tentar a vida em Itaquera. Todos os moradores dizem que gostam da onde vivem, e assim como os moradores da COHAB 1, dizem que o que mais gostam no bairro é a proximidade de todos os tipos de serviço.

*“O que é bom é que tem tudo perto, mercado perto, escola pros filhos” (Entrevistado S, 40 anos Comunidade da Paz ); Aqui é tudo perto, comércio perto, shopping perto, mercado perto, médico perto, tudo isso ai né. (Entrevistado T, 59 anos, Comunidade da Paz); Tem tudo perto, creche pras minhas crianças, shopping, metro. Da pra fazer uma boa vida aqui no bairro (Entrevistado Q, 37 anos, Comunidade da Paz); “Perto de tudo, metro, açougue, bar, tudo que eu gosto ta aqui perto. Fiz minha vida aqui, moro aqui fazem mais de 20 anos já. (Entrevistado R, 60 anos, Comunidade da Paz)*

## **6.2 Impressões sobre a chegada da Arena Corinthians**

O anúncio de que a região de Itaquera seria palco da construção da Arena Corinthians fez com que os moradores tivessem diversos sentimentos e expectativas sobre quais seriam as mudanças que aconteceriam na localidade. Estas impressões foram transmitidas pelos entrevistados ao pesquisador durante a 1ª e 2ª rodada deste PIBIC, uma vez que eram os momentos em que ainda fazia sentido falar sobre expectativas, afinal, na 3ª rodada a Copa do Mundo já teria começado.

É possível dividir as impressões dos entrevistados sobre a chegada da Arena Corinthians em dois grupos, os otimistas e os pessimistas. Cada um destes grupos tem justificativas próprias que sustentam suas opiniões.

No caso dos entrevistados que possuíam uma visão pessimista do que aconteceria com a região durante a Copa do Mundo, o principal medo destes dizia respeito à possibilidade do sossego característico da região chegar ao final.

*“A única coisa que eu tenho medo é que a Copa acabe com o sossego do bairro. Mora aqui há 32 anos e esse bairro sempre foi muito tranqüilo, todo mundo se conhece” (Entrevistado N, 60 anos, COHAB 1); “Aqui também vai deixar de ser um bairro sossegado, o sossego acabou pra gente né (Entrevistado M, 55 anos, COHAB 1); “Vai ser ruim, porque vai acabar com o sossego e vai trazer os vândalos” (Entrevistado A, 65 anos, COHAB 1); “Vai ficar uma bagunça, uma zona. Trânsito nem se fala, porque todo mundo vai vim de carro pra cá, dai imagina a Radial pra agüentar. Acho que só o período da Copa vai acabar com o sossego que a gente tem aqui.” (Entrevistado H, 21 anos, COHAB 1);*

A maioria destes moradores creditavam tal sentimento ao possível aumento nos índices de violência e de trânsito.

*“Pra mim esse estádio vai ser uma negação. Quando tiver jogo, vai ter briga e vai todo mundo correr aqui pra comunidade pra se esconder. É o lugar mais perto pra se esconder. Isso pra Copa, mas depois também vai ser assim, porque a bandidagem ta no ar.” (Entrevistado T, 59 anos, Comunidade da Paz); “Acho que a região vai ficar mais violenta, vai ter mais baderna” (Entrevistado R, 60 anos, Comunidade da Paz); “A maior preocupação que eu tenho é a condução, eu acho que a condução não vai suportar não. Isso ai vai ser bem complicado, porque já é complicado aqui pra Zona Leste sem futebol nem nada. Agora quando tiver na Copa acho que não vai ser muito fácil não” (Entrevistado E, 70 anos, COHAB 1); “O trânsito vai aumentar muito! A COHAB aqui não é mais COHAB, é cidade! O transito aqui dentro ta um absurdo, levo 15 minutos pra ir pra rua do lado da minha casa. Violência vai aumentar muito também, principalmente quando o estádio ficar pronto.” (Entrevistado P, 69 anos, COHAB 1);*

No que se refere aos moradores da Comunidade da Paz, a maioria apresentava expectativas negativas para a chegada da Copa do Mundo, nem tanto em relação ao que ocorreria durante o mega-evento, mas principalmente pelo fato de que poderiam ser expulsos do local onde moram à qualquer momento. E não hesitavam ao dizer que a culpa era de um eventual processo de remoção seria um impacto direto da Arena Corinthians em suas vidas.

*“Pras pessoas aqui da favela não vai ser bom não, porque querem tirar a gente daqui (Entrevistado S, 40 anos, Comunidade da Paz); “Espero que a gente ainda esteja aqui, mas to achando difícil.(Entrevistado Q, 37 anos, Comunidade da Paz); Espero muito que a gente consiga o que a gente ta pedindo pra Prefeitura, mas acho difícil, eles prometem muito e fazem pouco (Entrevistado R, 60 anos, Comunidade da Paz); “Desde que começou a construir esse estádio tão querendo que a gente vá embora, faz 18 anos que a gente ta correndo atrás pra sair daqui e agora que vem se lembrar da gente. Antes do estádio a Prefeitura não vinha nunca, dai esse ano começaram a vim. A prefeitura nunca apareceu aqui pra dar solução pra ninguém” (Entrevistado T, 59 anos, Comunidade da Paz).*

No entanto, existiam também os moradores que apresentam opiniões otimistas sobre as expectativas dos impactos da Copa e acreditam em melhorias para a região. Percebe-se que as expectativas positivas normalmente vem acompanhada da expectativa de melhorias na esfera econômica.

*“Acho que na Copa vai ser bom, vai trazer melhorias pros comércios. Com os gringos é tudo em dólar né.”( Entrevistado M, 55 anos, COHAB 1); “É bom que vai trazer serviço pra muita gente e é bom porque valoriza as casas aqui né. E pro comércio também vai ser bom, muito gringo comprando”(Entrevistado S, 40 anos, Comunidade da Paz);*



*Vai ser bom porque meu trabalho tem a ver com a Copa, trabalho em um lugar no Tatuapé que confecciona camisetas de torcida, faz todas as roupas pra Gaviões da Fiel. Então durante a Copa vou ter que trabalhar muito, tentar fazer meu pé de meia durante esse mês que os gringos tiverem aí. (Entrevistado I, 22 anos, COHAB 1).*

### **6.3. Impactos**

O eixo dos impactos foi construído a partir das respostas recebidas nas 3 rodadas e tenta reproduzir como as percepções sobre os impactos provenientes da construção da Arena Corinthians e da chegada da Copa do Mundo foram se alterando ao longo das 3 rodadas, levando em consideração só o que, na percepção dos entrevistados, realmente mudou na vida deles após a construção do estádio. Este eixo é composto pelas perguntas dizem respeito aos impactos: 1) na vida; 2) na imagem do bairro; 3) nos serviços públicos.

#### **6.3.1 Vida**

##### **- Aumento dos fluxos**

O aumento do fluxo de pessoas e de carros foi um dos principais impactos sentidos na vida dos moradores da COHAB1 e da Comunidade da Paz. A escolha de Itaquera para ser um dos locais que sediariam a construção de um estádio para a Copa do Mundo certamente faria com que um grupo de pessoas que antes não frequentava a região passasse a frequentar, seja para visitar, para trabalhar, e durante a Copa, ir aos jogos.

Neste sentido, desde o início deste PIBIC, foi passível de citação dos entrevistados o fato de terem mais pessoas, de mais classes sociais e tipos distintos, circulando pelo bairro. Tal fato se deu principalmente durante a 3ª rodada, em que a Copa ainda estava acontecendo e que haviam muitos estrangeiros nas ruas de São Paulo. A realização dos jogos Copa do Mundo em Itaquera realmente movimentaram as dinâmicas sociais da localidade, já que a região nunca tinha sido pólo turístico nem recebido tantos estrangeiros.

*“Já teve muita movimentação pra cá, já veio engenheiro, gente da Alemanha, uma movimentação em massa” (Entrevistado J, 31 anos, COHAB 1). “Ficamos aqui vendo a bagunça dos*

gringos, nós bagunçamos também com os gringos, é uma bagunça só. A gente conheceu um do Chile, da Holanda, Coreia do Sul. O chileno que veio dançou até funk, danço funk com a negrada, cambada de favelado (risos).” (Entrevistado Q, 37 anos, Comunidade da Paz); “Muito gringo. Eu achei uma coisa bem bacana, ta muito organizado”.(Entrevistado F, 34 anos, COHAB 1); “Olha aqui as fotos com os gringos! Eles tão falando que a melhor Copa ta sendo a do Brasil. Olha esse aqui dos Estados Unidos, olha esse argentino, esse uruguaio, tem gente do mundo inteiro. Muito bonita as meninas chilenas, e eles ficam tudo aqui do lado!” ( Entrevistado B, 66 anos, COHAB 1); “Em dia de jogo ta lindo, animado. Aqui pra baixo, perto do metrô, ta cheio de gringo, cada gringo bonito... Um pessoal muito festeiro, brincalhão. Eu to gostando.” (Entrevistado M, 55 anos, COHAB 1)

Ao mesmo tempo, o aumento nos fluxos à região desde o começo do processo de construção do estádio fez com que o trânsito fosse um dos principais impactos destacados nas primeiras duas rodadas. Isto porque somado ao aumento do fluxo para a região Leste, havia também uma série de obras viárias sendo executadas nas avenidas que ligam o estádio com o resto da cidade.

*“A gente frequenta uma igreja em Itaquera que tem que passar por ali na frente do estádio, que antes demorava 15 minutos pra chegar de carro pela Radial e hoje a gente demora 40 minutos. Ate novembro a gente chegava lá tranqüilo, hoje nao dá mais. Pra chegar no culto eu tenho que sair meia hora antes. Agora tão descarregando material lá e noite não tem condição, porque a noite eles fecham a rua e tem que fazer outro percurso. E agora com coisa do Haddad de colocar faixa pra ônibus tirou uma faixa da Radial, antes tinham 2, agora tem 1, imagina como fica” (Entrevistado J, 31 anos, COHAB 1); Desde que o estádio começou a ser construído tem muito mais transito. Pra dar a volta lá pelo estádio pra chegar aqui*

*na minha casa é muito mais trânsito hoje.(Entrevistado M, 55 anos COHAB 1); O estádio trouxe muito congestionamento pro bairro, chega uma certa hora o trânsito para e não era assim”(Entrevistado A, 65 anos, COHAB 1); “Tem dias que o pessoal vem aqui pro estádio, daí o trânsito fica todo parado. Tá começando a virar rotina já né, é o que vai ficar. (Entrevistado D, 67 anos, COHAB 1); “Trânsito não tem nem mais jeito de aumentar, porque se você sai daqui 6h da tarde é um horror, mesmo sentido bairro”. (Entrevistado E, 70 anos, COHAB 1)*

Entretanto, durante a 3ª rodada tal fato não se repetiu, já que além do fato destas obras estarem prontas e funcionando, durante os dias de jogo da Copa do Mundo o uso de carros era proibido na região, o que fez com que o trânsito deixasse de ser um dos principais impactos sentidos pelos moradores da região.

Outro fator que foi lembrado pelos entrevistados, em menor grau, durante a primeira rodada e que poderia ser entendido como uma consequência deste aumento do fluxo de pessoas no bairro era a violência.

*“Violência aumentou também e só vai ficar pior”(Entrevistado T, 59 anos Comunidade da Paz); Agora que tá ficando meio ruim porque essa construção do estádio tá trazendo muito roubo de carro na frente do meu prédio. Antes do estádio não tinha esses negócios não. (Entrevistado A, 65 anos, COHAB 1).*

Entretanto, se tais falas já eram minoria, elas deixaram de aparecer completamente conforme as outras 2 rodadas aconteceram. Isto deve-se muito em conta do aparato policial que foi deslocado para a região de Itaquera e do esquema de segurança utilizado durante os momentos relacionados com a 2ª e 3ª rodada deste

*“O que tinha de policial da cavalaria aqui essa semana, ali em cima quando o pessoal viu a cavalaria subindo a rua só dava pra ver uns caras correndo lá pra baixo, pernas pra que te quero.”(Entrevistado M, 55 anos, COHAB 1)*

É interessante ressaltar o fato da violência ter sido fala constante quando os entrevistados eram perguntados sobre as expectativas que tinham sobre a realização dos jogos, mas em momento algum a violência foi um fator realmente relevante quando os entrevistados falavam sobre os impactos concretos que estavam sentindo efetivamente.

Além disso, existem também os casos de entrevistados que sentiram impactos específicos por morarem realmente perto do estádio, como é o caso das entrevistadas A, B e C, que reclamaram muito do barulho e o pó gerado pela construção da Arena Corinthians. Isto porque um dos viadutos que faz parte das obras viárias realizadas na região foi construído muito próximo de suas janelas.

*“Com a construção do estádio pra mim não melhorou nada, só foi muita sujeira. Pega muito pó da obra, o que causa bronquite nas crianças” (Entrevistado A, 65 anos COHAB 1)“De noite tem as máquinas que não param nunca, os caminhões chegando com material. De dia não da pra escutar direito, mas de noite o barulho fica insuportável.”(Entrevistado B, 68 anos, COHAB 1); A única coisa que até agora deu pra perceber foi o barulho da construção desses viadutos perto da minha casa, o pó que também ta entrando muito em casa e as árvores que cortaram aqui em cima da rua. Outra coisa que mudou foi que apareceu umas rachaduras na parede da garagem, porque é muito perto do estádio e toda a movimentação que ta acontecendo lá ta trazendo isso. Ate veio um repórter da Folha pra tirar foto dessas rachaduras e disse que esse viaduto aqui vai ser tipo o novo Minhocão, porque é quase dentro dos apartamentos.” (Entrevistado C, 60 anos, COHAB 1 )*

#### **- Valorização dos Imóveis:**

Outro dos principais impactos que pôde ser percebido na vida dos entrevistados, tanto dos moradores da COHAB 1 quanto dos moradores da Comunidade da Paz, foi a alta valorização que a região passou desde que a Arena Corinthians começou a ser construída. Desde a 1a rodada deste PIBIC, pôde-se

observar que a valorização dos imóveis da região foi um dos principais impactos que tem relação com o estádio, tanto no valor de venda destes imóveis, quanto no de aluguel.

*“Hoje tem apartamento aqui que vale 200, 250 mil. O apartamento da minha amiga, que é o grande, ela pagou 60 mil, mas hoje se ela reformar vende por 250 mil com certeza. Aqui tem apartamento que tá o mesmo preço de um apartamento na Barra Funda, você acredita? (Entrevistado J, 31 anos, COHAB 1); No prédio da minha amiga alugaram um apartamento por mil reais. Antigamente não era assim. Aqui vai chegar uma hora que pra você comprar um apartamento vai ser difícil. Se eu colocar pra vender o meu que é todo arrumadinho por 200 mil vende na hora agora na Copa.(Entrevistado A, 65 anos, COHAB 1); Hoje eu venderia aqui minha casa por 150 mil, mas antes do estádio valia uns 35 mil. Eu ando por aí e vejo nas imobiliárias que as casas todas tão valendo isso aí na região. (Entrevistado S, 40 anos, Comunidade da Paz); Só os apartamentos que subiram muito de preço. Os apartamentos aqui tão em média 200, 250 mil, até um tempo atrás tava 120 mil no máximo. (Entrevistado G, 48 anos, COHAB 1); A valorização dos imóveis é o que mais da pra perceber. Nas imobiliárias tá tudo valendo, no mínimo, 180 mil. (Entrevistado L, 70 anos, COHAB 1); Minha casa aqui venderia hoje por uns 150 mil reais. É grande, moram 7 pessoas aqui comigo e hoje ta valorizado tudo aqui na região. A gente anda pelo bairro e vê nas imobiliárias que os apartamentos todos aqui tão nessa faixa de preço. (Entrevistado Q, 37 anos, Comunidade da Paz ); Se você pegar jornais que tem venda de apartamento aqui antes era 70 mil, 80 mil, agora você olha nas imobiliárias e tudo ta 180, 200 mil. (Entrevistado E, 70 anos, COHAB 1)*

Estes depoimentos são referentes à 1ª rodada deste PIBIC e chama-se atenção para os altos valores que foram apresentados pelos entrevistados, especialmente os

que residem na Comunidade da Paz. Pode-se dizer que estes depoimentos são significativos no sentido de demonstrar a amplitude que a noção da valorização teve na região, em que todos os moradores sentiam que podiam pedir uma quantia de dinheiro muito maior para vender ou alugar seus apartamentos. Esta noção de valorização foi apropriada pelos entrevistados, que durante as rodadas seguintes apresentaram um discurso na mesma linha, com alguns moradores falando em ainda maior valorização conforme a Copa do Mundo aproximava-se.

Entretanto, houve um grupo de entrevistados que durante a 2ª e 3ª rodada, acreditava que os preços haviam atingido seu limite e que agora estavam estabilizados.

Entender qual foi a lógica que fez com que os valores aumentassem não é objetivo deste PIBIC, mas certamente, pode-se dizer que a construção do estádio teve grande influência neste processo, já que quando questionados sobre os motivos do aumento repentino nos valores dos apartamentos da região, os entrevistados, em sua maioria, creditavam tal valorização ao estádio.

*“Essa valorização é uma coisa recente, foi esse estádio que fez o preço aumentar” (Entrevistado J, 31 anos, COHAB 1); Isso acho que foi por causa do estádio, antigamente valia 80 mil no máximo hoje tá valendo 180 mil, então valorizou muito (Entrevistado E, 70 anos, COHAB 1); “O que acho que tem a ver com o estádio foi que aumentou muito o preço das casas. A minha casa que são 3 casas juntas eu não venderia hoje por menos de 70 mil reais, e há uns três anos valia uns 17 mil reais” (Entrevistado R, 60 anos, Comunidade da Paz).*

Houve também os que creditavam a valorização à um movimento natural do bairro, que segundo eles já passava por um processo de valorização imobiliária, com a chegada de serviços públicos como o metrô, fato que reforça a ideia de que o local, evidentemente, já passava por um processo de desenvolvimento anterior ao estádio. “A chegada do metrô mudou tudo, valorizou tudo, foi quando começou a mudar as coisas aqui de verdade” (Entrevistado K, 70 anos, COHAB 1)

Ainda no sentido da valorização da região, a percepção não deu-se exclusivamente sobre os valores dos apartamentos, os moradores também sentiram aumento nos custos de vida da região. No momento da 1ª rodada, alguns moradores

creditavam tal aumento à construção do estádio, entretanto, na 2ª e 3ª rodada, pode-se dizer que a percepção de que o custo de vida na cidade inteira aumentou, e não especificamente em Itaquera, foi a noção que imperou.

*“Aqui especificamente com certeza tá subindo mais por causa dessa movimentação toda do estádio, aqui tudo tá subindo o preço, tá seguindo né. Imagina aqui na Copa, a água vai tá 5 reais, se eu for vender lá na porta vou ficar rica milionária” (Entrevistado J, 31 anos, COHAB 1); “A cidade inteira tá mais cara, mas aqui tá pior por causa do estádio, porque sabem que o estádio vai crescer, as coisas vão melhorar e fica tudo mais caro” (Entrevistado T, 59 anos, Comunidade da Paz).*

*“O custo de vida aumentou aqui sim, mas acho que foi no Brasil inteiro. Tava vendo no jornal que a Cesta Básica aumentou o preço, baseado nisso aumentou o custo de tudo, principalmente em São Paulo” (Entrevistado M, 55 anos COHAB 1); “Aumentou alguma coisa: leite, feijão, óleo, alguma coisa aumentou sim. Mas isso aí é aumento geral, né” (Entrevistado A, 65 anos, COHAB 1)*

### **- Compra e Vende-se - Alteração dos Moradores**

É importante ressaltar que a valorização dos imóveis e os efeitos provenientes disto puderam ser melhor observados e entendidos na região da COHAB1, em que os apartamentos são propriedade dos moradores e que não houve nenhum tipo de confronto jurídico referente à moradia, diferentemente da Comunidade da Paz.

A elevação dos preços dos apartamentos da COHAB 1, trouxeram consigo outras conseqüências nas dinâmicas sociais da localidade que foram observadas pelos entrevistados. Durante as 3 rodadas deste PIBIC pôde-se observar um aumento expressivo na quantidade de placas de “Vende-se” e “Aluga-se” espalhadas pelo bairro e um aumento na circulação dos moradores, já que a maioria dos entrevistados conhecia alguém que haviam se mudado recentemente da região e também pessoas que haviam chegado ao bairro.

As justificativas dadas para tal fato foram distintas. Primeiramente deve-se chamar atenção para a noção de que muitas pessoas decidiram vender ou alugar seus

apartamentos e sair de Itaquera por conta da oportunidade financeira que a valorização da região trouxe, como as frases a seguir mostram:

*“Hoje tem muita placa de vende-se, se você anda por ai, e o pessoal ta vendendo por causa do valor. Quem pagou 60 mil e hoje vale 250 mil, ta querendo vender”*(Entrevistado, J, 31 anos, COHAB 1); *“Hoje você vê muita placa de vende-se. tem muita gente que ta indo embora daqui”*( Entrevistado A, 65 anos, COHAB 1); *“Tem muita gente indo embora, porque quem sempre sonhou em vender o apartamento pra comprar uma casa, agora é a hora”*( Entrevistado M, 55 anos, COHAB 1).

Neste mesmo sentido de aproveitar a oportunidade financeira gerada pela repentina valorização e pela Copa do Mundo, havia também por parte dos moradores da COHAB1, tanto na 1a quanto na 2a rodada, um desejo de alugar os apartamentos para os estrangeiros que viriam ao Brasil para assistir a Copa do Mundo. Chama-se atenção aos altos valores pedidos pelos moradores e a certeza de que o negócio seria concretizado.

*“ Os gringos tão alugando apartamento por 10, 20, 40 mil o mês, ainda não conheço ninguém que alugou, mas é só você colocar na internet pra você ver. (Entrevistado A, 65 anos, COHAB 1), Tá todo mundo pensando em alugar o apartamento pra Copa né, não sei se voce viu na TV, acho que na Ana Maria Braga que mostrou aqui em Itaquera que vai ter lugar que vão alugar por R\$120 mil, com tour, transporte, menos os ingressos. O repórter até falou que por esse preço não ia alugar, mas o moço falou que já tinha bastante telefonema de contra-oferta.(Entrevistado E, 70 anos, Comunidade da Paz); Eu vi por 50 mil, 60 mil, alugando com tudo dentro. Por esse preço dou café, almoço e janta e lavo até roupa. Mas acho que tão alugando sim, aqui é muito perto do estádio e os gringos não tem noção de valor, os euros deles pagam isso aqui fácil. (Entrevistado J, 31 anos, COHAB1);*



De fato, existia a ilusão de que seria possível alugar suas casas por estes valores, já que programas de grandes veículos midiáticos anunciavam casos em que o aluguel havia ocorrido. Entretanto, com a chegada da Copa do Mundo percebeu-se que isso não se tratava de especulações, e na realidade, nenhum apartamento da COHAB1 foi alugado por um estrangeiro nestes valores, desmentindo os casos apresentados pela TV.

*“As pessoas pensavam que iam alugar os apartamentos, ninguém alugou. Os gringos quiseram ficar em lugares com praia, por aqui não ficou ninguém. (Entrevistado C, 60 anos, COHAB1); Mas nenhum apartamento aqui na COHAB foi alugado, eu nunca ouvi falar de ninguém que tenha alugado. (Entrevistado A, 65 anos, COHAB1)*

Ao mesmo tempo, no que se refere às justificativas para a saída de moradores de Itaquera, não foi apenas a oportunidade financeira gerada pela construção do estádio que os influenciou, o que se viu também foi que muitos decidiram vender seus apartamentos por conta de um grande pessimismo com as mudanças que a região passaria. Em sua visão, a Arena Corinthians alteraria a dinâmica social de uma maneira tão extrema que o lugar perderia suas características típicas de tranquilidade e sossego, dando lugar à “bagunça” e “baderna”. Chama-se aqui atenção ao fato da frequente utilização destes termos pelos entrevistados poder ser fruto da influência midiática.

*“Acho que também tem muita gente indo embora porque aqui também vai deixar de ser um bairro sossegado, o sossego acabou pra gente né” (Entrevistado M, 55 anos, COHAB 1); Quem tem a oportunidade ne, nao gosta de barulho ta indo embora. (Entrevistado A, 65 anos, COHAB 1); . Aqui no prédio tem muita gente saindo porque acha que esse campo vai ser uma baderna (Entrevistado B, 68 anos, COHAB 1).*

Independente das justificativas dadas pelos moradores, o fato é que o movimento imobiliário em Itaquera teve um aumento significativo e os valores, tanto

para aluguel quanto para venda dos apartamentos, subiram muito. As visitas às imobiliárias do bairro demonstraram que a compra e venda destes imóveis se deu principalmente nos momentos prévios à Copa - no momento da 1ª rodada deste PIBIC - e que no período da 2ª e 3ª rodada, as vendas diminuíram e quase pararam. Tiveram inclusive moradores da COHAB que compraram apartamentos como um investimento futuro, acreditando em uma ainda maior valorização da região. Além disso, deve-se dizer que o principal tipo de movimentação imobiliária que ocorreu na COHAB 1 foi o aluguel de apartamentos, que tinham grande procura mesmo com os altos preços, em torno de R\$800 a R\$1000.

Na Comunidade da Paz o início da construção da Arena Corinthians também alterou as dinâmicas no que se refere à chegada e saída de moradores. Isto porque a expectativa de que a realização da construção da Arena Corinthians mudaria a forma com a região estava sendo tratada pelo poder público, fez com que muitas pessoas fossem atraídas para a Comunidade da Paz.

*“Desde que o estádio começou a ser construído, muita gente saiu fora e já voltou. Todos esses barracos novos na beira da avenida são todos novos, não tem nem 1 ano. Isso porque eles querem ganhar casa né, saíram todos de outras comunidades pra vim morar aqui. E ainda acho que vão ganhar antes dos moradores antigos. Todos esses barracos de madeira são todos novos.”(Entrevistado T, 59 anos, Comunidade da Paz).*

Entretanto, com a evolução do processo pelo qual a Comunidade da Paz passou, a Prefeitura realizou um cadastramento definitivo das pessoas que seriam beneficiadas. Sendo assim, o fim dos cadastramentos no sistema da Prefeitura fez com que a chegada de pessoas na favela parasse completamente.

#### **- Resolução do caso da Comunidade da Paz**

No que se refere especificamente à Comunidade da Paz, cabe aqui a realização de um tópico específico para descrever como se deram os processos relacionados à Comunidade durante a realização da Copa do Mundo.

Como já dito na caracterização da região, a situação vivida pelos moradores da Comunidade da Paz nos momentos anteriores à realização da Copa - durante a 1ª e 2ª rodada deste PIBIC - era problemática. Isto porque existia a possibilidade da reintegração de posse ser efetivada sem que o poder público garantisse a inclusão destes moradores em algum programa de habitação do governo. Além disso, prevalecia entre os moradores da favela a noção de que este repentino interesse público na área era fruto da aproximação da data de estréia da Copa do Mundo.

Neste momento, a indisponibilidade do poder público em dialogar e apresentar informações sobre a situação da Comunidade era fator que piorava ainda mais as expectativas sobre o desfecho que os moradores desta localidade teriam.

No entanto, pode-se dizer que a alteração da gestão da Prefeitura de São Paulo no ano de 2013, alterou também maneira com que os processos referentes à Comunidade da Paz passaram a ser tratados. A chegada de Fernando Haddad à Prefeitura significou a abertura de um canal de diálogo direto entre a Prefeitura e este grupo específico, que finalmente pôde expor suas demandas e anseios ao poder público. Desta forma, a aproximação entre o poder público e a Associação permitiu a construção de uma solução que levasse em conta também as demandas da Comunidade. A importância desta mudança na dimensão política na Prefeitura do processo ligado à Copa do Mundo pode ser entendida pela seguinte afirmação.

*“ Hoje, com a tecnologia e os computadores nós vemos tudo, então quando a gente descobriu, na época do Kassab, que iam fazer a Copa aqui no Brasil, que ia fazer um estádio aqui no Itaquerão, nós descobrimos que íamos ser tampados, iam colocar tapumes pra esconder a realidade. Mas, graças a Deus, o Kassab saiu e entrou o Haddad e nós levamos o problema pra ele, porque nós não somos bichos. Por que colocar tapume? pra esconder pros gringos que do lado do Itaquerão tem uma favela? tem, eu sei que não é linda, mas tem! Eles tem que ver a realidade.” (Entrevistado Q, 37 anos, Comunidade da Paz)*

No momento inicial deste PIBIC, as negociações entre a Comunidade da Paz e Prefeitura estavam em seu início e a situação foi explicada pelo líder comunitário

Drancy. A comunidade, que contava com 377 famílias, seria dividida em 5 partes e as partes 1 e 3, localizadas respectivamente na beira do Córrego Rio Verde e ao lado da linha do trem, seriam obrigadas a sair de qualquer maneira, uma vez que encontravam-se em zonas consideradas de risco. Havia sido garantido também que as partes 2, 4 e 5 permaneceriam na área pelo menos até 2016, o que fez com que Drancy dissesse que a luta da comunidade não se resumiria na defesa dos direitos dos moradores que seriam desapropriados, e que a luta continuaria no sentido de garantir que a situação das famílias que ficariam fosse melhorada, com a chegada de serviços básicos como água e luz que ainda não se encontravam disponíveis na Comunidade. Deve-se dizer que o fato de neste momento as negociações ainda estarem no início, os moradores não tinham a convicção de que teriam suas demandas atendidas, o que pode ser percebido pela visão pessimista já apresentada de seus moradores.

No entanto, as negociações progrediram e solução definida entre a Prefeitura de São Paulo e a Comunidade da Paz foi apresentada formalmente no dia 12/05/14 - data próxima à 2ª rodada de entrevistas deste PIBIC - em uma audiência no Parque Linear, próximo à favela. Desta forma foi mostrado à população qual havia sido o acordo firmado entre as partes e qual seria o futuro da Comunidade da Paz. Estavam na audiência o prefeito Fernando Haddad, a vice-prefeita Nadia Campeão, o secretário de habitação Floriano, o subprefeito Dr. Miguel, além de integrantes da Associação dos Moradores da Vila da Paz e moradores da favela. Nesta audiência, que pode ser considerada um dos principais momentos acompanhados por este PIBIC, foi explicitado o desenvolvimento do processo de aproximação da Associação com a Prefeitura.

Primeiramente, havia sido definido que os moradores não sofreriam mais com processos de reintegração de posse e só sairiam da localidade caso houvesse algum programa de habitação do governo disponível para serem incluídos, o que significa que só deixariam suas casas se fosse em um esquema “chave por chave”, em que seriam destinados à novos conjuntos habitacionais no momento em que entregassem suas casas. Desta forma, os moradores também não seriam destinados ao Auxílio-Aluguel.

Foi definido também que a área em que a Comunidade da Paz existe atualmente não possui condições para receber a construção de um conjunto habitacional que favorecesse a coletividade dos moradores, já que foi apresentado ao Ministério Público e à Associação um estudo encomendado pela Prefeitura que

comprovava tal situação. Ao mesmo tempo, foi definido que ninguém seria retirado da Comunidade até o final da Copa do Mundo. Desta forma, a Comunidade permaneceu com as divisões previamente realizadas (áreas 1 a 5) e cada uma delas teve uma solução e um destino distinto.

As 120 famílias moradoras da área 1, que encontram-se na beira do Córrego Rio Verde e apresentam os maiores riscos, serão as primeiras a serem beneficiadas. Definiu-se que elas serão destinadas ao Conjunto Habitacional São Sebastião, um empreendimento da Caixa Econômica Federal, dentro do Programa Minha Casa Minha Vida até o mês de abril de 2015, já que o empreendimento encontra-se no final do processo de construção.

As outras 276 famílias da Comunidade da Paz serão encaminhadas para um empreendimento denominado IGUAP-B, que será realizado em parceria com o governo do estado, por meio da CDHU. O processo de construção deste empreendimento encontra-se em fase inicial, segundo o Secretário de Habitação, a CDHU deverá abrir licitação até o final do mês de setembro de 2014, com um prazo de 24 meses para que a construção fique pronta, o que significa que a previsão é de que o empreendimento fique pronto até o final de 2016.

É importante ressaltar também o fato de que estes dois empreendimentos serão realizados na região Itaquera, o que faz com que este grupo de pessoas possa continuar a receber e aproveitar os serviços que a região oferece. As especificidades destes acordos em relação à moradia podem ser entendidos no trecho a seguir:

*“ Quem vai ganhar um apartamento só pode vender após 10 anos, quando já tiver pagado metade da prestação, se não, não pode. Vamos supor que eu peguei meu apartamento e quero vender porque não tenho condições de pagar, quem comprar vai sofrer uma reintegração de posse, e aluguel a mesma coisa, se a pessoa alugar o apartamento vai ter uma reintegração de posse. (Entrevistado Q, 37 anos, Comunidade da Paz)*

Com a questão da moradia acertada, definiu-se também que pelo menos até o final de 2016 ainda terão pessoas morando na Comunidade da Paz. Desta forma, o acordo estabelecido entre Prefeitura e Associação também buscou garantir que os moradores tenham acesso o mais rápido possível à direitos básicos, como água e luz.

Para que isso fosse possível, o Ministério Público solicitou à Prefeitura que autorizasse a entrada da Sabesp e da Eletropaulo na área da favela, o que significa que a Comunidade da Paz teve de dar nome de ruas às suas vielas e numerar as casas, de forma que a conta de luz e de água chegue corretamente. O acordo firmado com a Prefeitura prevê que as famílias paguem apenas uma taxa social para receber estes serviços, o que procura evitar que famílias tenham que sair novamente da Comunidade por não conseguirem pagar estas contas. Deve-se dizer também que os nomes escolhidos são simbólicos no sentido de demonstrar o desfecho do processo vivenciado pela Comunidade da Paz.

*“Pra Eletropaulo entrar legalizando luz em uma Comunidade, ela tem que dar nome às ruas, colocar o CEP direito, se não ela não legaliza. Ai nós demos opinião do nome, falaram assim: “desde que vocês estão nessa briga não é de hoje, é de muitos anos, então vamos colocar Conquista e Vitória. Nós conquistamos, mas nossa vitória só foi água e luz né. Agora aqui é Rua da Vitória, lá trás é Rua da Conquista e agora a quadra não chama mais Quadra da Paz, chama Praça da Alegria, que de alegria não tem nada, só tem merda. Não tem mais Comunidade da Paz, mas nós vamos continuar com o nosso nome, Comunidade da Paz, nós somos agora um bairro, o bairro da Paz” (Entrevistado Q, 37 anos, Comunidade da Paz)*

Além disso, a Prefeitura procurará garantir acesso à outros serviços focalizados para estes moradores, como a instalação de um Centro de Atendimento ao Trabalhador no Parque Linear, a melhoria nos serviços de saúde, a inclusão de mais moradores no Cadastro Único e mais uma série de ações que vem no sentido multidimensional de desenvolvimento.

### **6.3.2 Serviços Públicos:**

No sentido de compreender se chegada da Arena Corinthians à região teve algum tipo de influência sobre a disponibilidade dos serviços públicos prestados ali, deve-se destacar novamente o fato de Itaquera ter em seu histórico diversos

momentos importantes em que a atuação pública foi fundamental para seu desenvolvimento, principalmente no que se refere à realização de obras viárias.

Durante o período de análise deste PIBIC, pode-se dizer que as principais alterações percebidas pelos moradores, no que se refere aos serviços públicos e que tem algum tipo de relação com o estádio, seguiram esta tradição viária. Isto porque foram construídos diversos viadutos que ligam a avenida que abriga a Arena Corinthians com outras áreas, além de passarelas que ligam a estação de metro com o estádio.

*“Muito concreto, muito viaduto pra cá e pra lá, tá lotado de viaduto. Os viadutos deixaram tudo muito prático, a gente demora muito menos tempo pra fazer os trajetos.” (Entrevistado M, 55 anos, COHAB 1); Melhorou muito ali, o terminal, aquela parte ali, os viadutos (Entrevistado K, 70 anos, COHAB 1); Outros benefícios ainda não vi, só os viadutos (Entrevistado O, 28 anos, COHAB 1)*

Além destas obras viárias, a única alteração que é responsabilidade do poder público e que pôde ser observada no bairro foi uma melhoria estética realizada da região nos momentos mais próximos à Copa, com o retoque da pintura de uma série de ruas e melhoria das placas de sinalização.

*“Mudou a parte estética e a parte de acesso. Mas é tudo maquiagem, recopiaram até uma certa parte da pista, o entorno continua a mesma coisa. (Entrevistado O, 28 anos, COHAB 1); O visual tá bem bonito perto do Itaquerão, pintaram tudo por lá. (Entrevistado F, 34 anos, COHAB 1)*

Pode-se ver também um aumento do aparato policial presente na região de Itaquera nos momentos prévios à realização da Copa, isto é durante a 2o e 3o momento desta pesquisa.

*“Muita polícia, você chega no metrô já tem uns 10 guardas. (Entrevistado E, 70 anos, COHAB 1); Tinha muito policiamento por aqui, de manhã já estavam passando muitos policiais. (Entrevistado F, 34 anos, COHAB 1); Agora tem mais*

*polícia na rua, até a cavalaria ta passando aqui, começou essa semana mesmo (Entrevistado C, 60 anos, COHAB 1)*

Fora estas mudanças, pouco observou-se de investimento público na região que possa ser relacionado com a Copa do Mundo.

*“Ate porque ninguém ta pensando em escola, como disse o Ronaldo com hospital não se faz Copa do Mundo né. Então por enquanto não. (Entrevistado J, 31 anos, COHAB 1)”*; *De coisa tipo escola não da pra ver não, mas ponte, essas coisas tem muita (Entrevistado M, 55 anos, COHAB 1)*

### **6. 3.3 Imagem do bairro**

Esta parte do trabalho buscará entender se os entrevistados perceberam, durante o processo de construção da Arena Corinthians e nos momentos referentes à Copa do Mundo, algum tipo de alteração na imagem do bairro, isto é, na maneira como ele é visto por outras partes da cidade, nas palavras utilizadas para fazer referências ao local, na maneira como ele é percebido por outros grupos.

Neste sentido, pode-se dizer que os impactos gerados pelo estádio do Corinthians na imagem do bairro foram entendidos de maneira positiva pela maioria dos entrevistados durante os 3 momentos deste PIBIC.

*“Antes quando eu falava que morava em Itaquera o povo não dava muita importância. Agora eu falo que moro aqui e o povo fala: ah, é perto do estádio do Corinthians? O estádio mudou isso aqui. Antes do estádio ninguém nunca ouvia falar de Itaquera, agora a gente ta no jornal, na TV o tempo todo” (Entrevistado M, 55 anos, COHAB 1) ; “O estádio já se tornou um ponto de referencia pra região. Agora tem gente querendo ir pra Itaquera só por causa do estádio” (Entrevistado A, 65 anos, COHAB 1); Antes ninguém falava de Itaquera, era tudo mato. Mas agora tão falando daqui o tempo todo. Tinha o preconceito aqui com a região também, falavam: ah você mora na Zona Leste, lá longe com os bandidos mas hoje com o estádio do Corinthians isso mudou (Entrevistado B, 68 anos COHAB 1);*



Se nos primeiros 2 momentos ainda havia algum tipo de contestação sobre esta idéia de melhoria na imagem do bairro, deve-se dizer que na 3a rodada, durante a realização da Copa do Mundo todas as falas coletadas foram no sentido de que as mudanças na imagem do bairro haviam sido para melhor.

*Não estou na periferia, eu estou no mundo! (Entrevistado B, 66 anos, COHAB 1); Eu já falei que to morando na cidade, não moro mais no extremo da Zona Leste, agora nós estamos por cima.(Entrevistado N, 60 anos COHAB1); A imagem mudou bastante. Muita gente ta feliz com essa mudança, porque por enquanto mudou pra melhor. (Entrevistado C, 60 anos, COHAB1); Eu acho que mudou, ficou conhecido. Hoje em dia todo mundo sabe que Itaquera é o lugar da Arena Corinthians, ou da Arena da Copa né, pra quem não é corinthiano. Eu acho que foi bom no geral, melhorou muita coisa. (Entrevistado E, 70 anos, COHAB 1); Mudou bastante, a cidade ta vendo Itaquera de um jeito muito diferente pelo fato da Copa estar sendo aqui. Antes ninguém queria saber de Itaquera, era só mato.(Entrevistado A, 65 anos, COHAB 1)*

## 7. Expectativas Futuras

O eixo das expectativas diz respeito ao que os entrevistados esperam que aconteça com a região depois da Copa do Mundo, quando o estádio receber jogos apenas do Corinthians.

Novamente, pode-se dividir os entrevistados entre os que possuem uma expectativa positiva e os que apresentam uma expectativa negativa. Aqui chama-se atenção à linguagem utilizada pelos entrevistados, que utilizaram muitas vezes as palavras baderneiros, bagunceiros e bandidos para se referirem aos torcedores em geral, quando apresentaram suas expectativas negativas referentes ao estádio.

*“Em dias de jogos acho que vai ter muito mais baderna né, mas só em dia de jogos porque aqui vai ser só o estádio, não o clube social. Aqui é um bairro sossegado e com certeza vai tirar o sossego. A movimentação vai ser muito grande eu imagino.”* (Entrevistado E, 70 anos, COHAB 1) *Ai acho mais perigoso ainda. Em dia de jogo a região vai ficar uma baderna. Hoje em dia o futebol tá perigoso demais, não é mais um ambiente alegre e de festa. A torcida do Corinthians ainda, imagina quando tiver clássico, não vai dar nem pra sair de casa.”* (Entrevistado N, 60 anos, COHAB 1); *Ah, na Copa vai ser tudo de bom, vai ser muita festa, tudo muito bonito. Mas depois eu não vou gostar não. A festa, o povo de fora a gente acha bom, mas quando forem os corintianos não, eles são muito baderneiros. Ainda mais com esse viaduto perto da minha janela, a gente corre o risco deles tacarem coisas aqui pra dentro, vai que jogam uma bomba aqui pro prédio. E com certeza vai aumentar o preço de tudo durante a Copa.* (Entrevistado B, 68 anos, COHAB 1); *Só quando for do Corinthians que acho que a bagunça vai acontecer e só vai ser mesmo em dias de jogos que vai ficar um caos.* (Entrevistado H, 21 anos, COHAB 1)

Entre as positivas destacam-se o fato de este ser o único momento em que os moradores da COHAB 1 irão poder ir ao estádio assistir jogos.

*Só nessa hora que eu vou poder ir no estádio, porque os ingressos da Copa tão muito caros e já tão tudo vendido. Dai quando for do Corinthians eu vou conseguir ir. Acho que vai ser bom, primeiro porque o nosso time merecia um estádio. Acho que vai ser que nem no Pacaembu, no Morumbi” (Entrevistado J, 31 anos, COHAB 1); Pra mim vai ser legal porque quando tiver jogo eu vou conseguir ir a pé. Pra mim vai ser bom porque vou conseguir ouvir e ver daqui de casa o estádio, to muito animada. (Entrevistado G, 48 anos, COHAB 1)*

Cabe aqui também fazer uma apresentação de quais são as expectativas futuras do poder público para a região, ou seja, o planejamento de como o processo de desenvolvimento de Itaquera continuará se dando. Pode-se entender isto a partir da fala do Prefeito Fernando Haddad durante a realização da audiência com os moradores da Comunidade da Paz.

*“Querida dizer o seguinte, que as vezes as pessoas não se dão conta do quanto de emprego nós vamos gerar na Zona Leste a partir do pólo de Itaquera. Só de incentivo fiscal são centenas de milhões de reais para as empresas, ao inves de irem para o centro de São Paulo, trazerem os postos de emprego pra cá, nós já temos o anúncio de 53 mil postos de trabalho no pólo de Itaquera. É obvio que isso é uma programação, ao longo dos próximos anos, então tem que construir as sedes das empresas, hoje voce não tem isso aqui, hoje só tem moradias, voce não tem empresas, mas a partir de agora nós iremos trazer as empresas pra cá. Então depois da Copa, começam as obras das empresas, ai vocês vão ver essa Zona Leste mudar pra valer.” (Fernando Haddad, Prefeito de São Paulo)*

## **8. Análise: Desenvolvimento Local Para Quem?**

O acompanhamento da realidade vivida por Itaquera e seus moradores durante todo o período de realização deste PIBIC permitiu que o pesquisador observasse as transformações passadas pela região e buscasse compreendê-las a partir das teorias norteadoras utilizadas, entendendo como elas poderiam auxiliar na realização dos objetivos deste trabalho.

Faz-se necessário, portanto, retomar os objetivos principais que permearam toda a realização do trabalho. Buscávamos compreender o processo de desenvolvimento gerado pela Arena Corinthians, isto é, quais foram os impactos e as transformações que construção do estádio trouxe à realidade de Itaquera, quais grupos foram atingidos por estas mudanças e de que forma os processos referentes à construção do estádio foram guiados pelos atores envolvidos.

Após a demonstração dos impactos sentidos pelos entrevistados durante todo o processo de construção do estádio até a realização da Copa do Mundo, ficou claro que as dinâmicas locais de Itaquera foram alteradas significativamente. Sendo assim, procuramos compreender como as teorias referentes aos temas de Desenvolvimento Local, Gentrificação e Exclusão Social poderiam servir de instrumento para entender como estes impactos se encaixam nas noções de desenvolvimento discutidas durante a construção da Arena Corinthians.

Para iniciar a análise, deve-se dizer que o estádio não pode ser entendido de forma isolada, na realidade, ele deve ser enxergado como mais um momento significativo do processo de desenvolvimento de Itaquera. Tal noção aproxima-se das idéias referentes ao trabalho de Pike, Rodriguez-Pose & Tomaney, (2006) que procura demonstrar que o desenvolvimento não ocorre em uma folha de papel em branco, ou seja, que é necessário levar em consideração o fato das localidades analisadas possuírem históricos de desenvolvimento que não podem ser deixados de lado. Desta forma, foi relevante compreender o processo referente ao desenvolvimento de Itaquera para que fosse possível entender onde o objeto analisado se encaixa e quais seus efeitos na região.

Neste sentido, a Arena Corinthians é um empreendimento privado inserido em uma localidade que tem um histórico de desenvolvimento permeado principalmente por investimentos públicos na área viária. A construção da estação do metrô e das linhas de trem em Itaquera são os principais exemplos de que a região já possuía momentos marcantes de desenvolvimento prévios à construção do estádio. Além disso, a região também possui em seu histórico investimentos privados, com a construção de shoppings e o crescimento de mercados locais. É importante ressaltar tal idéia para que a noção de que Itaquera é um local excluído da cidade que somente apresenta problemas seja definitivamente desmistificada e que se entenda que a construção do estádio não foi o marco inicial do processo de desenvolvimento da região.

No entanto, o fato da construção da Arena Corinthians ter se somado à diversos equipamentos já existentes na região, não significa que ela deixou de produzir efeitos próprios na realidade dos habitantes de Itaquera.

A realização de um evento da magnitude da Copa do Mundo é um fator que altera as dinâmicas sociais, econômicas e também simbólicas do país e das cidades que sediam o evento, principalmente nas regiões que possuem estádios que recebem os jogos, como é o caso de Itaquera.

A Copa traz uma visibilidade imensa à estes locais, que passam a ser foco do interesse de pessoas e de veículos midiáticos do mundo inteiro. O potencial publicitário da Copa é inegável, gerou o deslocamento de um verdadeiro aparato midiático aos locais que receberiam os jogos, para que assim fosse possível acompanhar e dar detalhes sobre seus cotidianos. Desta forma, a Copa fez com que estas regiões passassem a ser palco da atenção de grupos que antes não tinham

interesse no que se passava nestas localidades, ou seja, atraiu novos olhares, novas interpretações que abriram a oportunidade para uma nova publicidade destes locais, que tiveram impactos principalmente em suas esferas simbólicas.

É justamente neste sentido que o fato de que um dos principais efeitos gerados diretamente pela construção da Arena Corinthians e pela realização da Copa do Mundo ter sido a mudança em relação à imagem do bairro é relevante para este PIBIC. A Copa do Mundo trouxe grande interesse público à região de Itaquera, que passou a ter seus processos e dinâmicas iluminados por diversos atores. A frequente aparição de Itaquera nos noticiários permitiu que grupos da sociedade que antes não tinham conhecimento sobre a realidade da região passassem a conhecer mais a fundo o cotidiano do bairro e seus dilemas. A Copa Do Mundo, portanto, abriu a oportunidade para que o preconceito histórico que existia para com a região e seus moradores fosse quebrado e desse lugar à uma nova interpretação do bairro perante o senso comum. Esta nova interpretação perpassa necessariamente a realização do mega-evento e da construção da Arena Corinthians.

Além disso, este grande deslocamento da atenção midiática tornou possível que todos os processos na região fossem iluminados de uma maneira nunca antes vista, principalmente nos casos que tinham ligação direta com a realização da Copa do Mundo. Este foi o caso da Comunidade da Paz, que durante 21 anos permaneceu na localidade em que estava sem ser foco da atenção do poder público, e precisou da chegada da Arena Corinthians para ter seu caso publicizado de uma maneira inimaginável antes da Copa. É evidente que não foi somente a chegada do estádio na região que fez com que a situação da Comunidade da Paz fosse resolvida, tanto é que até a mudança no plano político da Prefeitura a expectativa era de que os moradores seriam removidos de lá. Entretanto, é necessário ressaltar que o estádio teve sim papel fundamental para que o processo acabasse da maneira que acabou, já que auxiliou no reconhecimento de problemas e na pressão para sua resolução. Neste sentido, pode-se dizer que a Arena Corinthians funcionou como um grande iluminador de processos, como um publicizador de situações que antes eram mantidas na escuridão.

Além destas alterações na imagem e na publicidade da região, a Arena Corinthians também gerou outros impactos na vida de seus moradores. Para compreender estes efeitos a partir das noções de desenvolvimento local propostas por Pike, Spink, Sen, deve-se levar em conta a importância dos valores que permearam processo de desenvolvimento. Se para estes autores são os valores dos atores

envolvidos que vão moldar a forma com que o desenvolvimento se dará, deve-se levar em consideração o fato de que durante todo o processo de construção do estádio houve uma disputa simbólica entre diferentes valores e noções de desenvolvimento. O que o ex-Prefeito Gilberto Kassab entendeu como desenvolvimento em sua fala no momento que definiu-se que o estádio seria construído em Itaquera certamente não é o mesmo que o atual Prefeito Fernando Haddad entende por desenvolvimento, assim como não é o mesmo que os movimentos sociais envolvidos entendem por este conceito.

Desta forma, deve-se primeiramente levar em conta que a região de Itaquera possui um histórico de engajamento político e de reivindicações para melhorias na vida de seus moradores. Foi justamente a pressão exercida por grupos sociais de Itaquera que garantiu que a região entrasse na agenda do poder público e passasse a receber os investimentos públicos já mencionados. Desta forma, a noção de desenvolvimento nesta região perpassa os valores de ampliação de direitos e melhoria de vida para grupos historicamente excluídos. Além disso, a aproximação de movimentos sociais com os dilemas vivenciados na região também garantiu que o espaço de debate ideológico que permeava o desenvolvimento de Itaquera tivesse a presença de valores baseados na idéia de que as mudanças trazidas à região deveriam significar melhorias reais nas condições de vida dos moradores em condições mais vulneráveis, e não de grupos de interesse econômicos específicos.

Ainda sobre a importância dos valores, Pike, Rodriguez-Pose & Tomaney, (2006), enfatizam o papel fundamental da dimensão política na maneira que o desenvolvimento é entendido. Neste sentido, é importante dizer que durante a construção do estádio, o poder público municipal, um dos principais atores determinantes dos processos ligados aos efeitos produzidos pelo estádio sofreu uma alteração acerca dos valores que estavam norteando a forma de lidar com os processos de desenvolvimento na região. A Prefeitura de São Paulo, que até 2012 era chefiada por Gilberto Kassab, então membro do partido político Democratas, em 2013 passou a ser comandada por Fernando Haddad, membro do Partido dos Trabalhadores. Tal fato significou uma mudança na forma com que o poder público municipal tratava e entendia os impactos relacionados ao estádio, como pôde ser visto na resolução do caso da Comunidade da Paz.

No que se refere aos objetos de análise deste PIBIC, durante a gestão municipal anterior o que se via era um distanciamento do poder público com os

dilemas vividos pelos moradores da Comunidade da Paz, que não tinha suas demandas nem se quer ouvidas pela Prefeitura. Além disso, o descaso do poder público em resolver esta questão dava impressão de que havia uma grande possibilidade deste grupo de pessoas ser removido do local sem qualquer tipo de auxílio ou direito garantido.

As falas com os moradores da região e membros da Associação dos Moradores da Vila da Paz sobre essa questão são esclarecedoras acerca da mudança na forma com que o poder público passou a lidar com a situação desde que houve esta alteração no campo político. A incorporação das reivindicações da Comunidade da Paz por parte do poder público significou a garantia de que seus moradores não seriam afetados pelos possíveis impactos negativos ocasionados em função do estádio e de que permaneceriam usufruindo dos serviços já existentes na região.

Para que seja possível compreender o que anteriormente se tinha por desenvolvimento é fundamental recuperar a fala do ex-Prefeito Gilberto Kassab de que “independente da Copa do Mundo, a construção do estádio do Corinthians nessa região trará desenvolvimento, trará recursos para São Paulo, trará receita, perfeitamente, portanto, justificável esse incentivo”. Esta frase, somada à forma com que o poder público municipal tratava a Comunidade da Paz, indicava que pouco estava sendo realizado em matéria de políticas públicas para que as camadas mais pobres e vulneráveis da população de Itaquera não sofressem com as alterações nas dinâmicas da região e com a inclusão de novos grupos de interesses nas tomadas de decisão referentes à Itaquera.

Desta forma, ao levar em consideração as idéias provenientes de Pike, Rodriguez-Pose & Tomaney, (2006) sobre desenvolvimento local, pode-se dizer que a mudança na dimensão política permitiu a chegada de uma gestão que conseguiu produzir políticas públicas que conferiram uma noção de desenvolvimento progressivo à alguns processos referentes ao estádio. Isto significa que o poder público municipal assumiu o papel de principal órgão responsável por combater as desigualdades econômicas e imperfeições que poderiam ser geradas. A resolução do caso da Comunidade da Paz evidencia que esse papel foi de fato apropriado pela Prefeitura de São Paulo, já que as ações realizadas vão justamente neste sentido de superação da desigualdade e inclusão destes moradores em políticas públicas que permitirão a ampliação de suas capacidades.



Entretanto, apesar da fala do ex-Prefeito sugerir que o que era entendido por desenvolvimento era na realidade apenas crescimento econômico, deve-se dizer que a construção da Arena Corinthians deu-se em um espaço que tem a previsão de se transformar em um pólo institucional, com diversos equipamentos públicos e privados que dão conta de abarcar diversas dimensões do desenvolvimento. Apesar de ainda não ter todos os equipamentos previstos prontos, a materialização do pólo responderia à noção teórica de que o desenvolvimento é mais que apenas o crescimento econômico e que deve possuir um aspecto multi-dimensional que abarca também a ampliação de direitos sociais.

Sendo assim, é possível dizer que não foi a construção da Arena Corinthians que garantiu o desenvolvimento da região durante a Copa do Mundo. Ela certamente incluiu novas lógicas à localidade e garantiu um aumento no fluxo de capital privado e público à região. Isto é, o aumento dos fluxos, a valorização dos imóveis, as mudanças nos moradores do bairro, a nova imagem do bairro, a construção de obras viárias por parte do poder público, tudo isso pode ser entendido como desdobramentos da realização da obra e que tiveram efeitos reais na vida dos moradores, principalmente na esfera privada. No entanto, estes impactos possuem reflexos públicos, e sem a figura das organizações da sociedade civil e do poder público para regular os processos e garantir que este aumento na circulação de renda não se concentrasse na mão de poucos e excluísse outros, dificilmente se veria um desenvolvimento da forma que foi visto, em que as mudanças e melhorias passadas pela região foram destinadas também à grupos historicamente excluídos.

Para auxiliar no entendimento mais completo sobre o processo de desenvolvimento que se viu em Itaquera, pode-se também analisar a forma com que este desenvolvimento alterou as formas de exclusão social vistas na região. Partindo das idéias de Brugué (2009), pode-se dizer que no início deste PIBIC os moradores da Comunidade da Paz se enquadravam na noção de exclusão como situação, já que estavam completamente excluídos de políticas públicas que garantiam direitos mínimos. Entretanto, a maneira com que se deu a resolução do processo referente à Comunidade da Paz permite dizer que ao final da Copa do Mundo, os moradores já não encontravam-se nesta situação, uma vez que foram incluídos em programas do poder público que garantiriam estes direitos básicos, como água, luz e moradia.

No que se refere à exclusão como risco, pode-se dizer que no limite todas as pessoas encontram-se nesta situação, uma vez que o risco é fator intrínseco à vida

humana. Assim, tanto os moradores da COHAB 1, assim como os da Comunidade da Paz ainda estão sobre o risco de serem excluídos. No entanto, o risco dos que moram na favela ainda é maior uma vez que apesar já terem sido incluídos nos programas de habitação, ainda não receberam suas moradias de forma concreta.

Já a noção de exclusão como processo é aquela que entende a exclusão como fruto de processos políticos e econômicos, fato que inverte a lógica de entendimento da exclusão ao culpar não o indivíduo, mas sim os interesses que regem as organizações que tomam as decisões políticas e econômicas. Neste sentido, no início deste PIBIC, os moradores da Comunidade da Paz nunca haviam sido um grupo beneficiado por decisões políticas e econômicas, o que faz com que sua situação possa ser entendida como um caso de exclusão como processo. No entanto, as ações do poder público municipal para garantir que este grupo finalmente tivesse acesso à direitos interromperam o processo de exclusão dos moradores da Comunidade da Paz. Na realidade, hoje a Comunidade da Paz encontra-se em um processo de inclusão social e não mais de exclusão.

Desta forma, deve-se ter o entendimento de que o desenvolvimento local promovido em Itaquera na época da Copa do Mundo reduziu as formas de exclusão social anteriormente existentes na região. Tal fato encorpa ainda mais a argumentação de que o caso analisado por este PIBIC, no que se refere à Comunidade da Paz, é um caso de desenvolvimento progressivo .

Ao mesmo tempo, deve-se ter presente na análise o entendimento de que as alterações nos fluxos econômicos e sociais ocorridos Itaquera podem ser perfeitamente entendidas a partir das noções de Smith(1979) sobre a gentrificação. Normalmente acredita-se que os principais atores deste processo são as pessoas, levando-se em consideração que a teoria das preferências do consumidor é o que rege o movimento de pessoas para diferentes regiões da cidade. Entretanto, a explicação proposta pelo autor de que na realidade é uma mudança nos fluxos de capital que gera uma mudança nos fluxos de pessoas, e não ao contrário.

Para entender como esta noção esteve presente em Itaquera, deve-se novamente levar em consideração o histórico da região, que tem seu processo de desenvolvimento iniciado pelo deslocamento de investimentos públicos materializados principalmente na figura das obras viárias. A chegada deste fluxo de capital público à região foi o ponto de partida para que se despertasse algum tipo de interesse também do capital privado e de diferentes grupos de pessoas pela localidade.

É neste sentido que a construção da Arena Corinthians deve ser entendida como mais um momento de deslocamento de capital à região que foi acompanhado por mudanças nas pessoas que habitam o bairro. Entretanto, o diferencial deste empreendimento é o fato de ter movimentado o mercado imobiliário de uma forma nunca antes vista em Itaquera. É certo que os investimentos públicos na região já haviam configurado algum tipo de dinâmica econômica imobiliária, mas a valorização exponencial dos imóveis produzida pelo estádio trouxe novas dinâmicas ao bairro neste sentido.

O aumento dos valores dos imóveis afetou principalmente os grupo de moradores que alugavam apartamentos na COHAB 1 e que não tiveram como arcar com o aumento nos custos de vida lá. Entretanto, chama-se aqui atenção para o fato de que a maioria dos moradores da COHAB 1 ser proprietário do apartamento em que reside, como a amostra selecionada por este PIBIC demonstrou. Desta forma, pode-se dizer que o aumento no fluxo de capital à região e a consequente valorização imobiliária teve um impacto positivo na vida deste grupo de moradores e a gentrificação gerada neste grupo não se deu por conta da dificuldade em manter-se economicamente lá, mas sim por conta da oportunidade financeira e das expectativas negativas perante as mudanças na região.

Ainda pensando a partir das idéias de Smith(1979), pode-se dizer que a chegada do fluxo de capital proveniente do estádio indicava que a gentrificação seria um processo que poderia ser analisado na realidade dos moradores da Comunidade da Paz. Entretanto, a execução de políticas públicas que garantiram a permanência destes moradores na região de Itaquera, em conjuntos habitacionais, demonstra que a gentrificação não é um processo inexorável para locais que recebem fluxos de capital. É possível conter as consequências negativas da gentrificação se o poder público estiver engajado em garantir que os grupos sociais mais vulneráveis não sejam afetados por esse aumento do interesse econômico na região. Novamente, torna-se possível dizer que a atuação da Prefeitura de São Paulo, no diz respeito à Comunidade da Paz, pode ser entendida como ações típicas de desenvolvimento progressivo.

Ademais, se a teoria permanecer explicando corretamente os acontecimentos da realidade, deve-se dizer que a região de Itaquera ainda será foco da chegada de grandes fluxos de capitais, e conseqüentemente, novos moradores. Isto porque a região ainda não atingiu o limite de seu processo de desenvolvimento, na verdade possui um futuro promissor de investimentos públicos e privados, o que faz com que

Itaquera ainda seja um campo fértil para a realização o crescimento dos negócios imobiliários. Entretanto, faz-se necessário que a atuação do poder público continue na linha atual de diminuição dos impactos negativos da gentrificação, para que os efeitos gerados por este crescimento econômico não afetem os moradores mais pobres e diminua ainda mais as possibilidades deste grupo.

## **9. Conclusão**

Deve-se dizer que a realização deste PIBIC, assim como qualquer outra pesquisa, possui limitações intrínsecas à sua realização. O fato de ser um trabalho voltado principalmente à uma noção qualitativa faz com que as noções quantitativas e estatísticas não sejam tão consideradas, o que pode deixar uma parte da compreensão de lado. Soma-se a isso, o fato da pesquisa inicialmente contar com 20 entrevistados e ao final ter 15, o certamente limitou a compreensão de alguma maneira. Entretanto, as justificativas demonstradas por estes 5 entrevistados que saíram da pesquisa comprovaram que quando se lida com pessoas, não pode-se prever todas as situações. Além disso, se a amostra selecionada contivesse maior número de inquilinos dos apartamentos, talvez produziria-se alguma noção a mais neste trabalho.

A realização deste PIBIC, a metodologia utilizada, o referencial teórico, a aproximação com atores externos, as conversas com os moradores, o entendimento dos impactos, tudo isso deu-se no sentido de responder aos objetivos iniciais desta pesquisa. Buscávamos compreender mais à fundo o processo de desenvolvimento passado pela região durante a construção da Arena Corinthians até o final da Copa do Mundo. Para isso, foram definidas perguntas que norteariam a análise desta pesquisa, sendo elas: o que está sendo chamado de “desenvolvimento” neste caso da Arena Corinthians? Este “desenvolvimento” é para quem? Quais os efeitos que os

comerciantes e moradores da região estão tendo nesse processo de “desenvolvimento”?

A construção da Arena Corinthians gerou uma série de mudanças na realidade dos moradores de Itaquera. Pode-se dizer que se pensado por si só, o estádio não produziu necessariamente desenvolvimento, mas sim crescimento econômico, uma vez que o desenvolvimento deve ser considerado a partir de uma dimensão multidimensional, em que a ampliação das capacidades do ser humano é o objetivo. A chegada da Arena Corinthians veio acompanhada principalmente por um grande fluxo de capital privado à região. Neste processo de crescimento diversos atores se beneficiaram, seja no comércio, seja na valorização dos imóveis, como é o caso dos moradores da COHAB1. Ao mesmo tempo, estas mudanças nas dinâmicas econômicas e o aumento do interesse do capital na região poderiam ter gerado efeitos negativos para um dos grupos que encontravam-se em situação social vulnerável, a Comunidade da Paz, se a atuação da Prefeitura de São Paulo não tivesse se dado no sentido de garantir que os moradores da localidade fossem incluídos em políticas públicas e tivessem seus direitos básicos garantidos.

O caso da Comunidade da Paz se enquadrava na noção de desenvolvimento progressivo, pelo fato de tratar-se de uma atuação do poder público para garantir que as imperfeições do sistema não atingissem os mais pobres e os colocassem ainda mais à margem. O desenvolvimento progressivo vivenciado na região, portanto, foi para os moradores da Comunidade da Paz, que tiveram suas capacidades ampliadas ao final do processo.

O caso da Comunidade da Paz pode servir de espelho para que grupos políticos de outras regiões possam pautar sua atuação por políticas inclusivas e focalizadas nestes grupos vulneráveis. Pode ser espelho também para outras favelas e comunidades que passam por situações semelhantes às vividas pela Comunidade, já que ela soube se articular com diversos atores e conseguiu pressionar o poder público de forma a ser o primeiro caso de “chave por chave” de São Paulo.

O fato de que o Brasil será o país-sede das Olimpíadas de 2016 certamente ainda produzirá muitas obras e muitas alterações urbanas na cidade do Rio de Janeiro, e na maioria dos casos haverá um grupo vulnerável que possivelmente sofrerá conseqüências negativas se não houver um poder público engajado em fazer com que estes grupos também participem e usufruam das benesses trazidas por estes mega-eventos. É obrigação do poder público garantir que as oportunidades de

desenvolvimento trazidas pela construção de obras relacionadas aos mega-eventos atinjam também os grupos mais excluídos e vulneráveis. O caso da construção da Arena Corinthians em Itaquera demonstrou que é possível.

## **10.. Anexos**

### *10.1*

#### Questionário

- 1) Conte um pouco da historia da sua família e a relação com Itaquera
- 2) Quais as três melhores coisas de viver em Itaquera?
- 3) Quais as três piores coisas de viver de Itaquera?
- 4) Qual foi o sentimento quando ficou sabendo que o estádio seria realmente construído em Itaquera?
- 5) Como a sua vida vem sendo impactada pela construção do estádio?
- 6) Na sua opinião, mudou a percepção das outras pessoas em relação ao bairro de Itaquera? Como era antes e como ficou agora?
- 7) O custo de vida mudou consideravelmente? Na sua opinião, mais do que em outras partes da cidade? De algum exemplo concreto.
- 8) Qual a sua expectativa para a região depois da inauguração do estádio?
- 9) Qual a sua expectativa para a região depois da Copa do Mundo?
- 10) Você percebe alguma mudança em relação à oferta de serviços públicos para a região?
- 11) Na sua opinião, quais os principais desafios para os moradores de Itaquera nos próximos meses? (até a Copa do Mundo)

12) Na sua opinião, quais os principais desafios para os moradores de Itaquera nos próximos anos? (depois da Copa do Mundo)

## 11. Referências Bibliográficas

USTIN, J., STEVENSON, H. and WEI-SKILLERN, J. *Social and Commercial Entrepreneurship: Same, Different, or Both?* *Entrepreneurship Theory and Practice*, 30: 1–22, 2006.

BECKER, Howard S. *Tricks of the Trade: How to Think about Your Research While You're Doing It*. University of Chicago Press: 1998, 244 p.

BOISIER, Sergio. *Desarrollo (local): ¿de qué estamos hablando?*. In: MADOERY, Oscar y VÁZQUEZ-BARQUERO, Antonio (eds.), *Transformaciones globales, Instituciones y Políticas de desarrollo local*. Rosario: Editorial Homo Sapiens, 2001.

BRUGUÉ, Quim e GOMÁ, Ricard. *La dimensión local de la promoción económica: el marco conceptual*. In: BRUGUÉ, Quim e GOMÁ, Ricard. *Gobiernos locales y políticas públicas: bienestar social, promoción económica y territorio*. Barcelona: Ariel, 1998.

CHRISTOFFOLI, Pedro Ivan. *A luta pela terra e o desenvolvimento local*. In: DOWBOR, Ladislau. Políticas para o Desenvolvimento Local. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2008.

DUFFIELD, Brian. *Tourism: the measurement of economic and social impact*. Tourism Management. Volume 3, Issue 4, December 1982, Pages 248–255.

EMERSON, Robert et al. *Writing Ethnographic Fieldnotes*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

FISCHER, Tania. *Poderes locais, desenvolvimento e gestão – introdução a uma agenda*. In: FISCHER, Tania. Gestão do desenvolvimento e poderes locais: marcos teóricos e avaliação. Salvador: Casa da Qualidade, 2002.

FLAMMANG, Robert. *Economic Growth and Economic Development: Counterparts or Competitors?*. Economic Development and Cultural Change, Vol. 28, No. 1, Out. 1979, pp. 47-61.

GARCÍA-DOCAMPO, Manuel. *El desarrollo local en el marco de los procesos de globalización*. In: GARCÍA-DOCAMPO, Manuel. Perspectivas Teóricas en Desarrollo Local. La Coruña: Netbiblo, 2007.

MAY, Tim. *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PIKE, Andy; RODRIGUEZ-POSE, Andrés and TOMANEY, John. *Local and Regional Development*. London: Routledge, 2006.

BURGOS, Fernando. *A atuação dos governos locais na redução das desigualdades socioeconômicas*. Tese (Doutorado em Administração Pública e Governo) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, 2013.

SPINK, Peter. *O Pesquisador Conversador no Cotidiano*. Psicologia e Sociedade (Impresso), v. 20, p. 70-77, 2008



TENÓRIO, Fernando G.. *Cidadania e Desenvolvimento Local*. Rio de Janeiro: FGV; Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

VÁZQUEZ-BARQUERO, Antonio. *Política Económica Local: La Respuesta de las Ciudades a los Desafíos del Ajuste Productivo*. Madrid, Ediciones Pirámide, 1993